

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**STEPHANE LIRA DE ASSIS**

**NARRATIVA MULTIMÍDIA NO WEBJORNALISMO: ANÁLISE DE  
COBERTURA DA MATÉRIA “A BATALHA DE BELO MONTE” DO  
JORNAL FOLHA DE S. PAULO**

**VOLTA REDONDA**

**2019**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**NARRATIVA MULTIMÍDIA NO WEBJORNALISMO: ANÁLISE DE  
COBERTURA DA MATÉRIA “A BATALHA DE BELO MONTE DO  
JORNAL FOLHA DE S. PAULO**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do UniFOA como requisito à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluno: Stephane Lira de Assis

Prof.Dr: Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira

VOLTA REDONDA

2019

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado NARRATIVA MULTIMÍDIA DO WEBJORNALISMO: ANÁLISE DE COBERTURA DA MATÉRIA “A BATALHA DE BELO MONTE” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO elaborado por Stephane Lira de Assis apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 30 de outubro de 2019.

Banca Avaliadora:

*Eduardo de Oliveira*

---

Professor Orientador

Eduardo Jorge Nascimento Oliveira, Doutor – UniFOA

*Rogério Martins de Souza*

---

Professor Avaliador

Rogério Martins de Souza, Doutor – UniFOA

*Rebeca Baltazar Chaves*

---

Professora Avaliadora

Rebeca Baltazar Chaves, Mestre – UniFOA

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais pelo encorajamento e principalmente por acreditarem em mim. Sou eternamente grata a vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus. Sem ele nada eu conseguiria fazer. Agradeço aos meus pais por todo esforço, amor e orações que derramaram sobre a minha vida nestes quatro anos de faculdade. Agradeço a minha família em Resende que me recebeu com todo o amor durante todo o tempo que precisei. Agradeço aos professores que me ensinaram essa profissão tão desafiadora. Agradeço ao meu professor orientador Eduardo Jorge por ter me auxiliado durante a elaboração desta monografia. Muito obrigada.

“Deleita-te também no Senhor, e te concederá os desejos do seu coração.” Salmos 73:4.

## RESUMO

Este trabalho buscou investigar como a narrativa multimídia é construída no ambiente da web e como o jornalismo utiliza os elementos da multimídia para a elaboração das reportagens jornalísticas. Assim, este estudo tenta responder se existe atualmente um novo modelo de narrativa multimídia no webjornalismo. A hipótese do trabalho se baseia no autor Salaverría (2005) que afirma que os veículos de comunicação que utilizam o ambiente da web fazem uso da multimídia de maneira modesta e oferecem apenas textos, imagens e sons que se podem consumir de maneira separada ou consecutiva. O objeto de pesquisa é a versão online do jornal Folha de S. Paulo, que apresenta uma reportagem em multimídia nomeada a “Batalha de Belo Monte”. A metodologia utilizada foi a descritiva, que procurou descrever como os elementos multimídia atuam na reportagem. A análise demonstrou que os elementos multimídia inseridos na reportagem se integram e comportam-se de modo a complementar as informações do texto e sua estrutura é construída por softwares que dão novas roupagens à narrativa.

**Palavras-chaves:** narrativa multimídia; multimídia; webjornalismo; jornalismo

## **ABSTRACT**

This paper aimed to investigate how multimedia narrative is built in the web environment and how journalism uses the elements of multimedia for the elaboration of journalistic reports. Thus, this study tries to answer if there is currently a new model of multimedia narrative in web journalism. The hypothesis of the paper is based on the author Salaverría (2005) who states that communication vehicles that use the web environment make use of multimedia modestly and offer only texts, images and sounds that can be consumed separately or consecutively. The object of research is the online version of the newspaper Folha de S. Paulo, which features a multimedia report entitled "Battle of Belo Monte". The methodology used was descriptive, which sought to describe how the multimedia elements act in the report. The analysis showed that the multimedia elements inserted in the report integrate and behave in a way that complements the information of the text and its structure is built by softwares that give new narrative garb.

**Keywords:** multimedia narrative; multimedia; web journalism; journalism

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 BREVE HISTÓRICO DO WEBJORNALISMO.....</b>	<b>13</b>
2.1 Surgimento da internet.....	13
2.2 A internet como meio de comunicação e as gerações da web .....	14
2.3 As características do webjornalismo.....	17
2.4 As nomenclaturas do jornalismo na internet.....	19
<b>3 NARRATIVA MULTIMÍDIA E SUAS ESPECIFICIDADES.....</b>	<b>21</b>
3.1 NarrativaMultimídia.....	21
3.2 Convergência.....	24
3.3 Jornalismo de banco de dados .....	25
3.4 Componentes da narrativa multimídia no webjornal.....	26
3.5As três fases do conteúdo multimídia e o gênero interpretativo .....	29
<b>4 NARRATIVA MULTIMÍDIA NA COBERTURA DA REPORTAGEM A BATALHA DE BELO MONTE .....</b>	<b>33</b>
4.1 Jornal Folha de S. Paulo.....	33
4.2 Apresentação da metodologia e análise de conteúdo.....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
<b>7ANEXOS.....</b>	<b>49</b>

## LISTA DE ANEXOS

<b>Figura 1:</b> Print Folha de S.Paulo.....	49
<b>Figura 2:</b> Print: Folha de S. Paulo.....	49
<b>Figura 3:</b> Print Folha de S.Paulo.....	49
<b>Figura 4:</b> Print Folha de S.Paulo.....	50
<b>Figura 5:</b> Print Folha de S.Paulo.....	50
<b>Figura 6:</b> Print Folha de S.Paulo.....	50
<b>Figura 7:</b> Print Folha de S.Paulo.....	51
<b>Figura 8:</b> Print Folha de S. Paulo.....	51
<b>Figura 9:</b> Print Folha de S. Paulo.....	51
<b>Figura 10:</b> Print Folha de S. Paulo.....	52
<b>Figura 11:</b> Print Folha de S. Paulo.....	52
<b>Figura 12:</b> Print Folha de S. Paulo.....	52
<b>Figura 13:</b> Print Folha de S. Paulo.....	53
<b>Figura 14:</b> Print Folha de S. Paulo.....	53
<b>Figura 15:</b> Print Folha de S. Paulo.....	53
<b>Figura 16:</b> Print Folha de S. Paulo.....	54
<b>Figura 17:</b> Print Folha de S. Paulo.....	54
<b>Figura 18:</b> Print Folha de S. Paulo.....	54
<b>Figura 19:</b> Print Folha de S. Paulo.....	55
<b>Figura 20:</b> Print Folha de S. Paulo.....	55
<b>Figura 21:</b> Print Folha de S. Paulo.....	56
<b>Figura 22:</b> Print Folha de S. Paulo.....	56
<b>Figura 23:</b> Print Folha de S. Paulo.....	56

<b>Figura 24:</b> Print Folha de S. Paulo.....	57
<b>Figura 25:</b> Print Folha de S. Paulo.....	57
<b>Figura 26:</b> Print Folha de S. Paulo.....	57
<b>Figura 27:</b> Print Folha de S. Paulo.....	58
<b>Figura 28:</b> Print Folha de S. Paulo.....	58
<b>Figura 29:</b> Print Folha de S. Paulo.....	59
<b>Figura30:</b> Print Folha de S. Paulo.....	59
<b>Figura 31:</b> Print Folha de S. Paulo.....	59
<b>Figura 32:</b> Print Folha de S. Paulo.....	60
<b>Figura 33:</b> Print Folha de S. Paulo.....	60
<b>Figura 34:</b> Print Folha de S. Paulo.....	60
<b>Figura 35:</b> Print Folha de S. Paulo.....	61
<b>Figura 36:</b> Print Folha de S. Paulo.....	61
<b>Figura 37:</b> Print Folha de S. Paulo.....	61
<b>Figura 38:</b> Print Folha de S. Paulo.....	62
<b>Figura 39:</b> Print Folha de S. Paulo.....	62

## 1 INTRODUÇÃO

A chegada da internet acarretou em mais um meio de disseminação da notícia. A década de 1990 é marcada pela entrada de veículos jornalísticos na internet. Com a entrada do jornalismo na internet, algumas mudanças são observadas na sua narrativa, como por exemplo, a inserção de elementos multimidiáticos. A narrativa multimídia permite que o jornalista possa agregar elementos que enriqueçam a informação. A reportagem multimídia provoca uma interação com o leitor e auxilia na veracidade dos fatos informados.

A hipótese da monografia se baseia no autor Salaverría (2005) que assegura que os veículos de comunicação que utilizam o ambiente da web fazem uso da multimídia de maneira modesta e oferecem apenas textos, imagens e sons que podem ser consumir de maneira separada ou consecutiva.

A versão online do jornal Folha de S. Paulo, apresentou uma reportagem multimídia intitulada “A Batalha de Belo Monte”, em 2013. Essa reportagem é apresentada pelo veículo sendo um especial multimídia e narra a construção e o impacto da usina hidrelétrica de Belo Monte. Essa reportagem é dividida em cinco capítulos e foram utilizados vídeos, fotos, infográficos e um game.

No primeiro capítulo da monografia foi abordado o surgimento da internet, a sua utilidade como meio de comunicação, as três gerações da web, que identificaram como eram as primeiras publicações jornalísticas, as características do webjornalismo, e o que torna esse meio capaz de agregar novidades ao jornalismo, bem como as diferentes nomenclaturas que o jornalismo produzido na web recebe.

O capítulo seguinte se dedica a entender como a narrativa multimídia se desenvolve, explicando desde o seu suporte técnico, como a utilização de softwares que possibilita esse tipo de narrativa, abordando a convergência das mídias, que foi e é responsável pela narrativa e faz a integração de cada elemento multimidiático. Aborda ainda o jornalismo de banco de dados que permite a exploração mais a fundo de uma informação com mais contextualização, os componentes da multimídia no webjornal e finaliza o

capítulo descrevendo os especiais multimídias, a grande reportagem multimídia e o gênero interpretativo que se enquadra a reportagem.

O capítulo de análise é descrito a reportagem multimídia “A Batalha de Belo Monte” e como ela faz utilização dos elementos multimídia nele e inseridos. Por fim, as considerações finais que responde as indagações acerca do tema e relata que os elementos multimídia se entregam e a narrativa não é completamente inovadora, visto que o texto estrutura a reportagem.

## 2BREVE HISTÓRICO DO WEBJORNALISMO

### 2.10 surgimento da Internet

O início da internet se dá no contexto da Guerra Fria, com a finalidade de ser uma ferramenta de comunicação alternativa de uso militar se, eventualmente, o conflito entre as duas potências, União Soviética (URSS) e Estados Unidos da América (EUA), resultasse em uma guerra nuclear. Após a União Soviética lançar o primeiro satélite espacial, os Estados Unidos “anunciavam a criação da *Advanced Research Agency* (ARPA), ligada ao Departamento de Defesa, cuja missão era pesquisar e desenvolver alta tecnologia para aplicações militares” (PINHO, 2003). Cientistas norte-americanos juntamente com engenheiros tinham a missão de desenvolver um sistema de comunicação não-hierarquizado e aperfeiçoar a tecnologia que os militares utilizavam. Segundo Pinho (2003), o sistema utilizado até o momento era hierárquico e centralizado no Pentágono. Se caso houvesse uma destruição todo o sistema seria afetado e destruído.

O sistema não-hierarquizado independe de um elemento central. De acordo com Monteiro (2001, p. 27-28), “a mensagem passaria dividida em pequenas partes, que foram chamadas de pacotes. Assim, as informações seriam transmitidas com rapidez, flexibilidade e tolerância a erros.” Para Pinho (2003), nesse modelo, a comunicação não poderia ser destruída. Mesmo se o Pentágono fosse bombardeado a mensagem chegaria ao seu destinatário final através de rotas alternativas. Baseado neste cenário surge a *ARPAnet* (*Advanced Reseach Projects Agency*), em 1969. Inicialmente, a ARPAnet conectava computadores de Universidades da Califórnia com centros de Pesquisas. Uma forma de propagar a novidade tecnológica.

A *ARPAnet* passou por aprimoramentos no seu sistema e deixou de ser apenas uma ferramenta de uso exclusivo dos militares. Pinho (2003) afirma que a *ARPAnet* liberta-se de suas origens militares e é dividida em *Milnet*, para

uso militar na nova *ARPAnet*, com fins de pesquisa. É nesse cenário, onde a *ARPAnet* desenvolve a *Milnet*, que a *ARPAnet* começa a ser chamada de internet. A década de 1980 marca o desenvolvimento da *ARPAnet*. Com a TCP/IP (*Transmission Control Protocol Internet Protocol*), Monteiro (2001), explica que o TCP/IP possibilitou na ampliação da troca de informações de redes diferentes. Com isso, a *ARPnet*, é transformada em *National Science Foudation* (NSF) e passa a se conectar com outras redes e a ser utilizada principalmente no meio universitário, através da interconexão com diferentes centros de pesquisa. “Estava formada a internet, utilizada principalmente como uma ferramenta de troca de informações entre o meio acadêmico.” (MONTEIRO, 2001, p. 28).

Os anos de 1990 são marcados pela novidade *World Wide Web* (*WWW*), criada pelo engenheiro Tim Bernners-Lee, nos laboratórios do Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear, da Suíça. *World Wide Werb*, se refere a “teia de alcance mundial”. Entretanto, há uma divergência entre *WWW* e *Woldwide Web*. O termo internet, de acordo com Pinho (2003), “foi cunhado com base na expressão inglesa Interaction ou Interconnection between Computer Network”

## **2.2A Internet como meio de comunicação e as gerações da web**

Quando se pensou a internet, não se imaginou que esta invenção científica seria usada para fins jornalísticos. A internet modificou o modo de produzir e consumir informação. Ela é entendida, segundo Rocha (2015), como um novo meio de comunicação que cria um espaço de conversação. Monteiro (2001), diz que a internet surgiu como um veículo de comunicação alternativo e até os dias atuais, a internet é utilizada a este objetivo. Como mencionado anteriormente, a internet foi um meio alternativo, mas para fins militares, mas logo em seguida usada para institutos de pesquisas e universidades. Somente na década de 1980 o mercado explora essa ferramenta. Na década seguinte, Pinho (2003), afirma que os meios de comunicação encontram na internet ferramentas diferenciadas dos meios tradicionais. Quando ocorre a migração de veículos de comunicação para esse novo meio, a internet, do ponto de vista de Alves (2006), tinha o propósito de ser usada apenas como uma extensão ou

para complementar os produtos tradicionais. Segundo Alves (2006, p.94): “Em vez de ver a *web* como um novo meio, com características próprias, as empresas tradicionais a encararam como uma nova ferramenta para distribuir conteúdo, originalmente produzidos em outros formatos”.

João Cavanilhas (1999) afirma que cada meio tem a sua própria linguagem. Embora a *web* tenha sido usada pelos veículos jornalísticos de modo apenas a distribuir os seus conteúdos; sem enxergá-la como meio inovador, é preciso expor que a *web* passou por fases distintas. As fases não necessariamente contam a história do jornalismo na *web*, todavia, identificam as primeiras publicações com finalidade jornalísticas. Conforme Mielniczuk (2003) identifica três gerações da *web* à transposição, metáfora e a terceira geração webjornalismo, a que explora o suporte e ferramentas da *web*.

A primeira geração se configura com a transposição de conteúdos jornalísticos dos veículos impressos para as páginas da *web*, visto que, nessa fase não ocorria as possibilidades tecnológicas. Segundo Damonte (2009), essa fase definida como transpositivo.

O material que vai para a rede é apenas transportado e disponibilizado, o que marca um aproveitamento do produto jornalístico que, já desde meados da década de 1990, é totalmente elaborado segundo critérios de digitalização, resultado da informatização das redações. (DAMONTE, 2009, p. 122)

Era realizada apenas a reprodução de alguns conteúdos para um novo meio. Geralmente, as matérias que ocupavam espaço na *web*, eram as notícias mais importantes dos editoriais de jornal impresso. Não havia a preocupação em apresentar o conteúdo noticioso de modo inovador. Sua atualização estava atrelada à rotina que o veículo impresso estabelecia no seu fechamento editorial. Para Alvez (2006), quando os meios tradicionais migram para a internet, deixam de inovar na linguagem, apenas apresentam suas características tradicionais e a linguagem do jornal diário.

A segunda geração da *web* é denominada por Mielniczuk (2003), como metáfora e sendo definida, segundo Damonte (2009), sendo Webjornalismo de segunda geração, referenciando-se às novidades oferecidas pela rede, que introduzidas levam um diferencial ao conteúdo. Isso ocorre no final da década de 1990, segundo Nunes (2016). Nessa fase ocorre o aperfeiçoamento do

suporte técnico da internet, permitindo que aconteçam algumas inovações no jornalismo da web, mesma que ainda em sua essência esteja subordinado aos moldes do jornal impresso. Neste segundo momento, as publicações realizadas na web começam a explorar algumas potencialidades que a web oportuniza como a inserção de links que levam a outras matérias, a utilização dos e-mails para contatos com jornalistas que produzem o conteúdo que resulta em um início de interatividade entre o jornalista, leitor e leitores, proporcionando uma comunicação. Segundo Alves (2006), de modo conjunto, as novas potencialidades que esse meio alternativo estava propiciando aos veículos de comunicação tradicionais, através do uso da web, entram em crises com os meios tradicionais devido ao sucesso da web. Os veículos de comunicação impressos começam a sofrer impactos negativos no número de circulação dos seus jornais

A ideia de que o jornalismo digital poderia ser apenas um complemento dos jornais predominou durante a primeira década de existência do novo meio, porém desde o início da segunda década que existem sinais claros de que a difusão de notícias através da Internet teve consequências negativas na circulação dos diários impressos em papel. (ALVEZ, 2006, p. 96)

Na terceira geração, webjornalismo, assim denominada por Mielniczuk (2003), começam a emergir conteúdo jornalístico desenvolvidos para a web. A finalidade é dispor na web a versão do jornal inovador. Segundo Dalmonte (2009, p 122): “Nessa fase há o enriquecimento da narrativa jornalística, sobretudo pelo uso de recursos multimídia e de interatividade, dentre outros.” É na terceira geração que a narrativa é inovada e ocorre uma exploração das potencialidades que a web disponibiliza.

Segundo Damonte (2009), nessa terceira fase é visto uma mudança na narrativa jornalística, sobretudo pelos recursos da multimídia enquadrados a ela, que ocasiona uma rica linguagem ao discurso.

O material jornalístico presente na Web passa a ser produzido de acordo com as novas possibilidades tecnológicas, o que caracteriza tanto o produto quanto a própria rotina de produção, que agrega à narrativa dos fatos novas perspectivas. (DAMONTE, 2009, p. 123)

A internet possibilitou o surgimento de um meio que engloba todos os outros meios e apresenta todas as suas características. Segundo Alves (2008, p.98): “A Internet pode ser rádio, TV, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo”.

### **2.3 Características do webjornalismo**

Com o surgimento da web Palácios *et al.*(2002) identifica cinco características desse meio que são: Multimídia e Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização e Memória. Para Palácios (2002, p. 2): “essas ferramentas são aplicadas de maneira diferente em maior ou menor escala, e de forma diferente, nos sites jornalísticos da Web.”

De acordo com Palácios *et al.* (2002, p. 3), a multimídia está aplicada no contexto do jornalismo online e “refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico.” A convergência é possibilitada através da circulação em diferentes plataformas e suportes, exercendo a função de agregar e complementar.

A interatividade é descrita por Bardoel e Deuze (2000 *apud* Palácios *et al.* (2002) aproximando o leitor por meio da comunicação trocada por e-mails entre leitores e jornalistas. Canavilhas (1999) afirma que a interação é imediata e contínua, assim, para interagir, o consumidor da informação pode interagir com a notícia que está a ser consumida e é realizada através de uma conta criada pelo usuário, com intuito de compartilhar o seu pensamento diante do que se está lendo. A web permite que a interatividade com a notícia seja direta, diferente da interação que ocorria com o jornal impresso, que segundo o autor:

Num jornal tradicional o leitor que discorda de uma determinada ideia veiculada pelo jornalista limita-se a enviar uma carta para o jornal e a aguardar a sua publicação numa edição seguinte, tendo habitualmente que invocar a Lei de Imprensa para o conseguir. Por vezes a carta só é publicada dias depois e perde completamente a atualidade. Outras vezes o jornalista não responde, ou fá-lo de forma a encerrar a discussão, fechando a porta a réplicas. (CANAVILHAS, 1999, p. 3)

A interatividade na web dá voz imediata ao leitor e fomenta o debate sobre um determinado acontecimento. Palácios *et al.*(2002), caracteriza a hipertextualidade como a interconexão por meio de links que são embutidos no corpo de texto e encaminham o leitor para textos complementares. Ribas

(2004) descreve a hipertextualidade sendo uma fragmentação do discurso. O autor complementa:

A possibilidade de acessar rapidamente diferentes blocos de informação através de links traduz a dinâmica do webjornalismo. Um mosaico de informações permite acesso a diferentes ângulos e percepções sobre um mesmo tema. (RIBAS, 2004,p.4)

A hipertextualidade modifica o percurso de leitura que o leitor executa. A leitura não linear, segundo Canavilhas (1999), é estabelecida pelo leitor.

A personalização de conteúdo é feita pelo leitor após selecionar quais tipos de conteúdo noticiosos estão de acordo com os seus interesses. Palácios *et al*(2002, p. 3-4), afirma que “os sites permitem que os usuários selecionem os conteúdos que desejam consumir, fazendo uma hierarquização do que o consumidor da informação julga ser importante”. Assim, quando o site é acessado, a página de abertura é carregada na máquina do Utente atendendo a padrões previamente estabelecidos, de sua preferência. Ribas (2004, p.4) tem a mesma visão que Palácios *et al* (2002) e apresenta deste modo, que a personalização de conteúdo pode ocorrer:

Pode ser oferecida para o usuário de várias formas: configurando páginas de acordo com seus interesses para a cada acesso obter informações atualizadas referentes aos temas previamente escolhidos; indicando preferências por hierarquia de dados, formatos de apresentação visual, cores, tipos e tamanhos de fontes; recebendo por e-mail notícias sobre assuntos anteriormente indicados como sendo de seu interesse. (RIBAS, 2004, p. 6)

A memória configura-se como acumulação de informação em bancos de dados. Com a demanda de informações que são disponibilizadas na web, todo o acesso ao conteúdo pode ser feito pelo usuário. Palácios (1999 apud Ribas, 2004 p.6): “postula que a acumulação de dados é mais viável técnica e economicamente na Web que em outras mídias.”

A web tem a necessidade de ser constantemente atualizada e com isso, algumas categorizações surgem a partir desse entendimento. Notícias de última hora possibilitam que o veículo acompanhe o desdobramento de um acontecimento em tempo real. Com a tecnologia avançada, o jornalista faz a transmissão e relato da notícia no local do acontecimento:

Últimas notícias - Também chamada de *break news* esta seção sempre anunciada na primeira tela - comporta as informações em formato de notas que são disponibilizadas de maneira imediata,

explorando a possibilidade de atualização contínua. Nos webjornais brasileiros, ficou convencionado chamar esta seção de 'plantão' ou 'últimas notícias'. Normalmente, existe a disponibilização de um índice apresentando apenas os títulos e os horários da disponibilização das mesmas. Ao clicar no título, aparece a notícia na íntegra, usualmente em formato de 'pílulas', poucas linhas. A maioria deste material é proveniente de agências de notícias. (MIELNICZUK, 2003, p.10)

As coberturas contínuas também estão no ambiente de web. Normalmente, as matérias ocupam o espaço de uma tela e apresentam vídeos e imagens que contextualizam a informação.

## 2.4 As nomenclaturas do Jornalismo na Internet

Há diferentes denominações para designar a prática jornalística na web. Mielniczuk (2003) afirma que ainda não existe um consenso sobre a terminologia exata para o jornalismo “praticado na Internet, para a Internet ou com o auxílio da Internet”. A autora apresenta diferentes nomenclaturas para o jornalismo na rede, são eles: Jornalismo eletrônico, jornalismo online, jornalismo digital ou jornalismo multimídia, ciberespaço e webjornalismo. Segundo Bastos (2000) *apud* Mielniczuk, (2003) o termo Jornalismo eletrônico se refere para abranger o jornalismo online e o jornalismo digital. Mielniczuk (2003) afirma que Bastos (2000) “integrada às práticas do jornalismo assistido por computador está a pesquisa online” a qual ele denomina de jornalismo online como aquele que realiza pesquisa em redes, “onde as informações circulam, em tempo real e cujo objetivo seja a apuração jornalística (pesquisa de conteúdo, recolha de informações e contato com fontes).” Bastos (2000 *apud* Mielniczuk, 2003).

A autora cita Bastos (2000), afirmando que o autor denomina jornalismo digital como aquele que disponibiliza conteúdo jornalístico nas redes. Dessa forma, nas definições de Bastos (2000), segundo Mielniczuk (2003), jornalismo online se responsabiliza pela apuração e jornalismo digital por oferecer produto jornalístico.

Machado (2000 *apud* Mielniczuk 2003) diz que o jornalismo digital diverge do jornalismo online, por conta do seu suporte e o online faz referência a uma característica do meio e não alcança as particularidades do meio.

O jornalismo eletrônico é descrito por Meilczuk (2003), sendo aquele que utiliza a natureza eletrônica no jornalismo. O jornalismo faz uso dos aparelhos eletrônicos para construir e disseminar informações. Segundo a autora, esses recursos eletrônicos podem ser:

câmeras fotográficas digitais; gravadores de som; ilhas de edição de imagens não-lineares; suportes digitais para a disseminação da informação como disquete, CD e DVD; *hardware* e *software* para a manipulação das informações (áudio, vídeo e sons em forma de bits); entre tantos outros. (MEILCZUK, 2003, p. 3)

O jornalismo digital também pode levar a denominação de jornalismo multimídia. Para Meilczuk (2003), ambos “implicam na possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem”.

O ciberespaço remete ao jornalismo auxiliado pela tecnologia através da cibernética. Do ponto de vista de Meilczuk (2003), o computador gerencia bancos de dados para elaborar a matéria.

O webjornalismo, para Canavilhas (1999), está relacionado ao seu suporte técnico. Segundo o autor, webjornalismo é o jornalismo feito na internet, porém, Canavilhas (1999), afirma que a web pode ser mais que um jornalismo online, principalmente por consequência da introdução de elementos multimídia que modifica a produção do conteúdo jornalístico e modifica o modo de consumir a notícia. Meilczuk (2003), afirma que webjornalismo refere-se a uma particularidade da internet que introduz as interfaces gráficas.

### 3 NARRATIVA MULTIMÍDIA E SUAS ESPECIFICIDADES

Este capítulo apresenta elementos importantes que juntos constroem a narrativa discutida neste trabalho. Esses elementos vão desde o suporte técnico até a elaboração da linguagem.

#### 3.1 Narrativa Multimídia

Com a junção dos elementos da multimídia por meio da convergência no ambiente da web, foi possível identificar mudança na construção da reportagem jornalística depois de décadas marcadas pelo aprimoramento da tecnologia. A narrativa multimídia, segundo Canavilhas (2006, p. 114) “corresponde a uma fase em que as publicações tiram o aproveitamento máximo das características do meio, nomeadamente a interatividade e a possibilidade de integrar som, vídeo e animações nas notícias.” Assim, apresenta diferentes elementos na elaboração discursiva do webnoticiário, já que o meio torna possível a integração entre diferentes mídias. Segundo Ferreira, 2004, p. 372 *apud* Jorge; Pereira, 2009, p. 57), o jornalismo na web tem apresentado mudanças em sua linguagem graças à tecnologia que possibilita a criação de narrativas. Narrativas audiovisuais têm explorado a narrativa multimídia, tornando-a atrativa para o leitor. Segundo Longhi (2009), a narrativa multimídia vem sendo utilizada para a construção de discurso jornalístico feito para o espaço digital. Longhi (2009, p.2) descreve a narrativa multimídia sendo “narrativas audiovisuais que operam pela fusão conceitual, que resultam em linguagens intermídia, nas quais a combinação de linguagens produz novas linguagens.” Há diferentes termos para se referir a narrativas que utilizam várias mídias em um mesmo suporte. Segundo a autora

Dentro do guarda-chuva do termo “narrativas multimedia”, estão sendo utilizados diversas palavras para definir os produtos informativos que se utilizam da combinação de linguagens diferentes em um mesmo suporte: “conteúdos multimídia”, “multimídia”, “especiais multimídia”, por exemplo, na língua portuguesa. (LOUNGHI, 2009, p. 1)

A narrativa multimídia provoca uma nova organização de linguagem, ocasionando maneiras diferentes de dispor os elementos da multimídia. Isso faz com que o webjornalismo tenha sua própria retórica e desempenhe o papel de protagonista dentro da narrativa Multimídia. Canavilhas (199) diz que a presença de diferentes mídias na webnotícia modifica o jeito que o leitor consome a informação, modificando o ritmo de leitura.

A introdução de diferentes elementos multimídia altera o processo de produção noticiosa e a forma de ler. Perante um obstáculo evidente, o hábito de uma prática de leitura linear, o jornalista tem de encontrar a melhor forma de levar o leitor a quebrar as regras de recepção que lhe foram impostas pelos meios existentes. (CANAVILHAS, 1999, p 64)

É por intervenção da convergência que a multimídia apresenta suas diferentes formas de linguagem jornalística e a narrativa se desenvolve. A narrativa multimidiática segundo Longhi (2009, p2), tem englobado formatos diversificados como infográficos interativos e slide-show sem ou com som, além de proporcionar o consumidor desta narrativa interatividade com o conteúdo, memória e não-linearidade, além de imagem, vídeos e textos. Salaverría (2005, p. 57-58) *apud* Longhi, (2010, p.3) afirma que:

[...] os veículos de comunicação que utilizam o ambiente da web fazem uso da multimídia de maneira modesta e a maioria dos que se apresentam como 'multimídia' na realidade oferecem apenas textos, imagens e sons que podem ser consumidos de maneira separada ou consecutiva". (IBID)

A autora Longhi (2010) cita o autor afirmando que para Salaverría, os cibermeios fazem uso da multimídia por justaposição ou por integração. A justaposição é a inserção dos elementos multimídia de forma desagregada e a integração se refere aos elementos multimídia no mesmo suporte, que se integram entre si e apresenta um discurso único resultando em duas maneiras de convergência.

Para Longhi (2010), essa narrativa multimídia tem se desenvolvido graças aos avanços tecnológicos de *hardware* e *software* e sem essas evoluções tecnológicas não seria viável a construção de um discurso e uma linguagem para a web. Para a jornalista e pesquisadora McAdams (2005), a criação da narrativa multimidiática se desenvolve por causa de um programa de *software* chamado *Flash*. O *Flash*, de acordo com a autora, proporcionou o

campo jornalístico ganhar uma ferramenta tecnológica que ocasionou em poder construir e contar histórias de modos diferentes em comparação à mídia tradicional. O Flash possibilita a inserção de infográficos interativos, *slide-shows* juntamente com outras ferramentas da multimídia na retórica webjornalística. Longhi (2010) também afirma que o uso do *Flash* foi pioneiro na construção da narrativa para a web que graças a ele *slide-show* pôde ser agregado a linguagem multimidiática e grandes veículos de comunicação inseriram nas suas reportagens, principalmente no início dos anos 2000. A autora afirma que:

Os produtos jornalísticos que começaram a utilizar o Flash teriam sido *slide-shows*, em 2001. Oito anos depois, em 2009 o jornalismo digital tem explorado o uso do Flash na criação de especiais multimídia, aproveitando cada vez mais as possibilidades do software, como mostram exemplos do Clarín.com, El Mundo, El País, USA Today, Washington Post, MSNBC, especiais produzidos pela Reuters, Associated Press, dentre outros. (LONGHI, 2010, p.157)

A expressão “Jornalismo em Flash”, em seu idioma original *Flashjournalism*, apresentada por McAdams(2005), é a denominação dada ao programa técnico através da qual a narrativa multimídia se desenvolve. De acordo com Longhi(2010), há uma denominação entregue a essa narrativa que apresenta recursos da multimídia, hipermídia, interatividade e multilinearidade e que, segundo ela, define o tipo de conteúdo. Ela apresenta o “especial multimídia”, uma nomeação que abrange toda a linguagem híbrida usufruída na web e que pode ser um sinônimo de narrativa multimídia.

A nomenclatura “especial multimídia” tem sido usada para definir a web-reportagem que se utiliza de elementos multimidiáticos integrados (imagens, sons e texto verbal), sendo também chamada de reportagem multimídia, narrativas multimídia, dentre outros, para citar apenas a língua Portuguesa. (LONGHI, 2010, p.150)

A autora afirma que a designação “especial” ou “multimídia” faz menção a diferentes formatos da multimídia que estão enquadrados na retórica de reportagem do conteúdo webjornalístico. A Autora (2015) afirma ainda que apenas grandes veículos de comunicação produzem esse tipo de conteúdo, pois investem recursos e equipes para a elaboração de grandes reportagens.

### 3.2 Convergência

A internet, segundo Rocha (2004), possibilita o encontro de diferentes mídias. Isso faz com que o usuário tenha várias maneiras de consumir o conteúdo. É na internet que o jornalismo pode construir uma narrativa com formatos diversificados, inserido no seu conteúdo imagem, vídeo, texto, infográficos. Para a autora, esse processo é nomeado convergência midiática e que apesar da convergência apresentar diferentes interpretações, ela faz parte do jornalismo desenvolvido na internet e apresenta-se de diferentes modos. (Ribas, 2004 *apud* Castilho, 2007) afirma que a convergência das mídias pode ser descrita como “o processo de integração, coordenação e combinação de mídias impressas, visuais, auditivas e interativas, num sistema chamado multimídia.”

O autor Henry Jenkins (2008), aborda um significado de convergência em seu livro “Cultura da Convergência”, como algo muito além do que apenas fazer uso da tecnologia, mas da inserção de mídias no mesmo ambiente. Ele apresenta uma definição para a convergência sendo:

Fluxo de conteúdo através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento de desejam (JENKINS, 2008, p. 27)

O autor ainda afirma que a convergência das mídias, produz uma narrativa que faz com que a história narrada atraia a atenção do consumidor, por meio das múltiplas mídias inserida a ela. Jenkins (2008, p.27) ainda afirma que a ideia de convergência não deve ser entendida apenas como um processo tecnológico, que faz com que a convergência seja entendida sendo a que apresenta “múltiplas funções dentro do mesmo aparelho”, A invés disso, para o autor, a convergência das mídias representa uma mudança cultural, uma vez que instiga o consumidor desse tipo de narrativa a “procurar novas informações e fazer novas conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.” (IBID, p, 28). Assim, afirmando que a convergência vai além da

mídia em uma mesma narrativa, mas algo que engloba demanda de mercado, questões culturais e sociais.

Do ponto de vista da pesquisadora Rocha (2015, p. 53), a internet tornou-se a ferramenta contemporânea mais importante. Ela democratizou a informação e resultou em uma migração de público das antigas mídias para a internet, mais especificamente, as novas mídias.

Deste modo a internet se transformou no ambiente mais propício para, por exemplo, o encontro das mídias, pois oferece ao usuário a oportunidade de ter acesso a diferentes informações e formatos diversificados, como texto, fotografia, áudio, vídeo e animação. (ROCHA, 2016, p. 53)

É neste ambiente que a convergência se desenvolve e dá sentido a narrativa, pois integra todos os elementos. Rocha (2015), afirma que a convergência só ocorre por causa da tecnologia, que possibilita a introdução das mídias a uma mesma narrativa, aprofundando, contextualizado e aprimorando o seu conteúdo.

### **3.3 Jornalismo de banco de dados**

Uma quarta fase já é apontada por pesquisadores da área de comunicação. Dalmonte, (2009, p 123) assegura que já se fala em Webjornalismo da quarta geração, que se refere ao uso de base dados na narrativa. Barbosa (2007) afirma que o jornalismo digital irá utilizar essa base de dados cada vez mais devido a sua estruturação da narrativa.

Esta tecnologia desempenha papel chave, pois, aliada ao desenvolvimento de sistemas de publicação compatíveis, determinam um modo diferenciado para a estruturação e a organização das informações de modo a contemplar elementos intrínsecos à prática jornalística no ciberespaço. (BARBOSA, 2007, p. 142)

A ideia do uso de banco de dados pode provocar uma narrativa exclusiva para o jornalismo. Isso acontece porque nessa fase, segundo Barbosa (2004), os bancos de dados podem proporcionar conteúdos com maior contextualização, onde há a exploração de gênero, entrevistas, colunas de opinião e a reportagem. A autora assegura que o banco de dados no jornalismo não é algo novo. Ela explica afirmando que nos anos 1970 as

redações nos Estados Unidos e em algumas partes na Europa, passaram a ser informatizadas. Porém, no Brasil essa prática só acontece na década de 1980 nos grandes veículos de comunicação do país. O jornal Folha de S. Paulo, por exemplo, foi a primeira redação informatizada Sul-Americana nesse período. Através dos bancos de dados, é empregada no jornalismo a sua narrativa com uma maior profundidade e qualidade às suas informações. (BARBOSA, 2004, p 463)

De acordo com o pesquisador Dalmonte (2007, p 4): “O texto webjornalístico, incrementado pelo banco de dados, pode viabilizar vários caminhos a determinados conteúdos e os usuários podem acessá-los a qualquer momento.” Sendo assim, cria-se uma nova interação entre o leitor e a narrativa que o mesmo está a consumir.

### **3.4 Componentes da narrativa multimídia no webjornal**

A internet modificou a maneira de contar e construir informação. O Texto, que sempre protagonizou e centralizou toda a informação, começa a dividir espaços com outros elementos que passam a ser inseridos na elaboração da notícia, com o objetivo de levar uma determinada informação.

Os elementos multimídia, se enquadrados nas fases da web, mostraram desempenhos diferentes. Na primeira fase, denominada transposição, a narrativa multimídia era quase que inexistente e pouco utilizada, visto que o conteúdo da mídia impressa era transposto para a sua versão na web. Na segunda fase, metáfora, que, segundo Souza, Carreiro (2009, p.2) são encontradas algumas iniciativas ainda discretas de uma linguagem multimídia, como a inserção de hipertexto. Entretanto, ainda não exhibe uma narrativa exclusiva e sim muito semelhante à primeira fase. Os elementos multimídia são de fato potencializados na sua terceira fase denominada Webjornalismo. É nesse contexto, que o *slideshow* entra em ação e é encontrada uma linguagem exclusiva para a web.

O *slideshow* é composto por imagem estática, texto e áudio (som). Esse elemento da multimídia pode ser resumido a uma função que oferece atuação

audiovisual. Uma vez que, o slidershow pode ser inserido na narrativa como imagem estática ou movimento, vídeo com ou sem som e, segundo Freire (2009, p. 10) não traga ambigüidade ao sentido da informação e alcance sua finalidade esperada, “Ou seja, deve ser um produto unitário sem justaposição de informação seja entre texto e foto, foto e áudio ou texto e áudio. Assim sua potencialidade como formato próprio e diferenciado será alcançada.” A sua origem é dita por Souza e Carreiro (2009, p.9) sendo da mídia impressa, “que levado para a internet se reconfigura na estrutura de galeria de fotos, ainda podendo ser considerado como de segunda fase devido a sua galeria de fotos.” O slidershow só ganha formato próprio quando o áudio é incorporado a ele. Os autores afirmam que a utilidade do slidershow deve ser sem justaposição de informação entre os outros elementos da narrativa. Se isso não acontece, a narrativa é desfeita e provoca incoerência nas informações.

Os infográficos são bastante utilizados na narrativa multimídia. Eles enriquecem a linguagem e levam aprimoramento ao *design* do jornal. Segundo Lima (2015), a sua linguagem gráfica atende a uma demanda de uma comunicação mais atual. Os infográficos levam informação e atuam na narrativa do webjornalismo, segundo Ribas (2004), de duas maneiras: sendo ele a própria narrativa, ou seja, a própria notícia ou complementando; e explicando através de suas ilustrações uma informação no texto. A infografia é oriunda da mídia impressa e, de acordo com Amaral (2009), quando levada para a internet era segmentada da página do texto. Caso o navegador quisesse visualizar o infográfico era necessário baixar a imagem em PDF. Segundo Teixeira (2007), o infográfico atua com a finalidade de explicar de forma clara aquilo que o texto não consegue fazer.

O infográfico, enquanto discurso, deve ser capaz de passar uma informação de sentido completo, favorecendo a compreensão de algo e, neste sentido, nem imagem, nem texto deve se sobressair a ponto de tornar-se um ou outro indispensável. (TEIXEIRA, 2007, p.113)

A junção de texto e imagem no infográfico tem o desígnio de atrelar informação de forma coerente, levar a uma contextualização e tornando a compreensão do texto clara. Leturia (1998) afirma que os infográficos ajudam a interpretar informações difíceis de serem entendidas no texto e, quando

utilizado na narrativa, jamais deve disputar com a informação do texto. Fazendo com que ambos sejam complementares e interdependentes. A autora afirma que o infográfico deve ser bem organizado para que o leitor consiga interpretar as informações. Do ponto de vista da autora, o infográfico deve apresentar título, texto que leve à compreensão do gráfico, corpo e fonte, que auxiliam na informação. Ribaz, (2004, p.4) diz que o infográfico facilita o entendimento do conteúdo e dar aos consumidores da notícia uma informação detalhada, possibilitando uma leitura “[...] geral dos acontecimentos e detalhar informações menos familiares ao público.” Ribaz (2004) ainda afirma que matérias que abordam grandes acontecimentos, como guerras, catástrofes e descobertas da ciência, merecem ter os infográficos utilizados em sua narrativa. Para Pablos (1998), a infografia é a ligação entre imagem e texto. O autor explica que ela tem a função de não dar margens a interpretações erradas.

O infográfico surge, então, como uma necessidade de sublinhar a mensagem icônica, para lhe dar um significado perfeito, para que não haja dúvida de que alguém possa interpretar mal o conteúdo de uma comunicação visual não convidada (tradução nossa) (PABLOS, 1998, p. 2)<sup>1</sup>

O autor Pablos (1998) prossegue afirmando que um infográfico bem feito faz com que a informação visual seja facilmente entendida. Antes dos infográficos serem inseridos e explorados na terceira geração da web. Pablos (1998) evidencia que programas como *Adobe* tiveram importância no aprimoramento dessa ferramenta para que ela fosse utilizada na narrativa da web.

A imagem é outra ferramenta da multimídia possível de ser utilizada no webjornalismo. Segundo Canavilhas (2001, p 68) “Mais do que a cor da palavra, a verdade da imagem recolhida no local empresta à notícia uma veracidade e objetividade maior do que a simples descrição do acontecimento.” Para o autor, a presença da imagem no conteúdo auxilia na veracidade da informação e só faz sentido quando utilizado junto ao texto.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa. No original: *La infografía, pues, surge como una necesidad de subrayar el mensaje icónico, para darle un significado perfecto, para que no quede alguna duda de que alguien pudiera mal interpretar el contenido de una comunicación visual no animada.*

O texto também é explicado por Canavilhas (2006) que no webjornalismo ele costuma aparecer em blocos separados. Isso faz com que o leitor crie seu próprio ritmo de leitura e construa sua pirâmide invertida

A possibilidade de conduzir a sua própria leitura revela uma tendência do utilizador para assumir um papel proativo na notícia, ainda que apenas por força do estabelecimento da sua própria pirâmide invertida. Este dado é importante, pois, como é sabido, a técnica da pirâmide invertida é a base do jornalismo escrito. No webjornalismo a pirâmide é substituída por um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si. (CANAVILHAS, 2006, p. 66)

O vídeo, segundo Canavilhas (2006), não atua no webjornal de modo redundante, mas é posto com o objetivo de consolidar a informação retratada ao texto. Ele afirma que os vídeos são bem-vindos em conteúdos jornalísticos que necessitem de descrição ou que auxiliem no entendimento de um conteúdo que apresente bastante texto.

### **3.5 As três fases do conteúdo multimídia e o gênero interpretativo**

A pesquisadora Longhi (2014) aponta três fases distintas que caracterizam os produtos multimidiáticos. São eles: o *slideshow* noticioso, os especiais multimídia e a grande reportagem multimídia. Ela construiu uma linha do tempo evidenciando esses três momentos.

Quando o *slideshow* aparece na narrativa multimídia executando uma finalidade noticiosa dentro da linguagem hipermidiática é o momento onde, segundo Longhi (2014), essa linguagem é explorada de modo efetivo. O *slideshow* noticioso é inserido na narrativa nos anos 2000 e é visto como um elemento inovador e passa ser a própria estrutura de narrativa muito explorada pelos grandes veículos de comunicação, principalmente na elaboração de reportagens. Segundo a autora:

Apesar de sua iminente simplicidade de forma, entretanto, o *slideshow* pode ser verificado como um formato noticioso e mesmo narrativo, quando o contexto causado pela sucessão de imagens é capaz de lhe conferir um sentido expressivo, ou seja, ultrapassando o sentido individual de cada foto em particular. (LONGHI, 2014, p. 783)

O especial multimídia é definido por Longhi (2010, p. 153) levando em consideração “dois aspectos principais: as características de sua linguagem e as características ligadas ao gênero de formato informativo.”. A característica da linguagem que constitui a narrativa do especial multimídia é a aparição dos integrantes da multimídia. Foi nos anos 2000 que o especial multimídia começou a ser explorado e programas como Flash deram vida à construção de suas narrativas. As reportagens especiais apresentam textos longos e que se assemelham com o jornal impresso. A autora Bertocchi (2005, *apud* JimHall, 2001, Salaverría, 2005:143, Palácios, 2005:11) diz que os cibermeios recebem as práticas que já foram consolidadas no jornalismo impresso. A web potencializa a narrativa com a integração dos elementos multimídia quando integrados ao texto. Segundo (Longhi, 2014, p 899), foram nos anos 2000 que o especial multimídia ganhou espaço no meio online.

Os especiais multimídia começam a chamar a atenção pelas suas qualidades expressivas, então aproveitando as potencialidades do ambiente hipermediático e de softwares como Flash. Se naquele momento chegou-se a nomear tais produções como flashjornalismo (MacAdams, 2005), com a evolução de novas ferramentas de produção e hardware foi possível um avanço na capacidade expressiva desse tipo de formato noticioso. (LONGHI, 2014, p. 899)

A narrativa apresentada como especial multimídia pode ser delineada sendo aquela que agrega na sua narrativa elementos da multimídia atrelado a outros tipos de formatos de produção comunicativa.

Poderíamos definir o especial multimídia como: “Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear (LONGHI, 2010, p.153)

A nomenclatura “especial multimídia” pode ser encontrada como editorias em alguns veículos de comunicação. Segundo Longhi (2010), o formato dessa narrativa permite que o navegador possa consumir a informação da reportagem de múltiplas maneiras, como entrevista, vídeos, slide shows em movimentos, em forma de vídeo, ou seja, uma narrativa audiovisual. A autora afirma que “o atual estado da arte das narrativas multimídia no webjornalismo mostra que grande parte desses conteúdos são, efetivamente, produzidos com o Flash, no que se convencionou chamar de Flashjournalism” (2010, p149)

O terceiro aspecto, grande reportagem multimídia, na verdade é um sinônimo do especial multimídia. A autora argumenta que ele também pode ser definido como “uma espécie de herdeiro da grande reportagem do impresso” (2010, p. 152). Isso significa que uma característica importante da mídia impressa e facilmente encontrada e identificada na grande reportagem multimídia, o texto longo e detalhado. Para Longhi (2014), a web é o meio que mais tem explorado a grande reportagem multimídia. Isso acontece porque, segundo a pesquisadora, o meio online é o mais capaz de explorar uma linguagem convergente. A pesquisadora Longhi(2015) diz que a grande reportagem multimídia possibilita novas narrativa que utiliza a estratégia de convergência, a partir de 2012 em diante. Essa grande reportagem se caracteriza pelo aprimoramento da ferramenta que constrói a sua narrativa. Se comparado ao especial multimídia, os dois apresentam aspectos semelhantes. Entretanto, a grande reportagem multimídia expõe um aprimoramento de linguagem em seu texto. Longhi (2014; 2015) afirma que a grande reportagem multimídia utiliza *software* e ferramentas que aprimoram sua narrativa. Tecnologias como *HTML5* são usadas para a criação da linguagem da grande reportagem multimídia. O *Flash*, um *software* que foi bastante decisivo para a construção e elaboração do especial multimídia, no início dos anos 2000, cede lugar para o *HTML5*. Como afirma Longhi (2014,), o *HTML5* supri algumas desvantagens que primeiro *software*, o *Flash*, não foi capaz de suprir. Esta nova tecnologia, *HTML5*, proporciona novos modelos de narrativa multimídia em seu conteúdo, “[...] possibilitando novas estratégias de convergência multimídia e leitura”. Longhi (2015, p. 7). A grande reportagem multimídia traz aprimoramentos não somente no seu avanço técnico, mas também no seu texto. O termo Jornalismo *long-fore* explicado por (Longhi, 2014, p 911) sendo “[...] matérias com mais de 4000 palavras, ou grandes reportagens com entre 10 e 20 mil palavras.”

As grandes reportagens e o especial multimídia podem ser enquadrados, segundo Longhi (2010), no gênero interpretativo. Para a autora Sperb (2007, p 6), o gênero jornalístico interpretativo requer que exista um nível maior de aprofundamento e investigação na sua elaboração e em seus conteúdos. Porém, a autora firma que a grande diferenciação das reportagens

especiais na web em comparação ao impresso, é justamente o espaço e a linguagem. Mingorance (2002, p. 61 *apud* Sperb 2007, p. 6) afirma que gênero interpretativo apresenta um significado social para os acontecimentos. Segundo ela:

[...] persegue-se a compreensão do mundo, das relações do homem com seu entorno, numa sociedade com ligações cada vez mais complexas. Essa grande reportagem, fruto do jornalismo interpretativo, parece vir, portanto, com o fim de situar o homem no seu contexto, localizá-lo para gerar ação diante do que se apresenta. Assim, a reportagem exige uma grande pluralidade e vozes e angulações, de forma a se apresentar da forma mais completa possível para a opinião do leitor. (MINGORANCE, 2002, p. 61).

Campos (2009) afirma que o gênero jornalístico interpretativo tem em sua base uma investigação acurada. O autor afirma que o gênero interpretativo apresenta a informação de modo mais claro, explicável, levar a contextualização. Ele afirma que esse gênero pode ser o mais difícil. “Ele exige mais apuração, mais entrevistas, mais consultas, mais investigação, mais envolvimento da equipe na elaboração.” Esse gênero busca entregar ao leitor o detalhamento da informação e deixar que o leitor tenha suas próprias conclusões. A autora Longhi (2015) afirma que somente grandes veículos produzem esse tipo de reportagem, devido ao serem capazes de fornecerem investimentos necessários para a elaboração das grandes reportagens.

## 4 NARRATIVA MULTIMÍDIA NA COBERTURA DA REPORTAGEM DE BELO MONTE

O presente capítulo será dividido em três partes. A primeira traz uma apresentação do objeto de pesquisa e do assunto abordado no capítulo escolhido para análise da reportagem. Em seguida, apresenta a metodologia escolhida e análise de conteúdo. Por fim, as considerações finais.

### 4.1 Jornal Folha de S. Paulo

O jornal Folha de S. Paulo é um dos principais jornais de grande circulação do Brasil. Segundo o veículo, “é desde a década de 1980, o jornal mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral”. O jornal afirma ao leitor que a sua missão é:

Produzir informação e análise jornalísticas com credibilidade, transparência, qualidade e agilidade, baseadas nos princípios editoriais do Grupo Folha (independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo), por meio de um moderno e rentável conglomerado de empresas de comunicação, que contribua para o aprimoramento da democracia e para a conscientização da cidadania. (FOLHA DE S. PAULO)<sup>2</sup>

O veículo de comunicação apresenta os seus principais valores como “independência econômica e editorial, Compromisso com o leitor, ética, defesa da liberdade de expressão, defesa da livre iniciativa, pioneirismo e respeito à diversidade”. Sua linha editorial é definida, segundo o jornal, pela busca de “um jornalismo crítico e pluralista.”. Suas editorias<sup>3</sup> são divididas em Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Esporte, Ciência e Saúde, Folha corrida, Ilustrada, Turismo e Sobre tudo

Seu surgimento, enquanto impresso, se deu ainda no ano de 1921, intitulado “Folha da Noite”. Em 1925 é lançada a versão matutina da Folha da

---

<sup>2</sup> Disponível em [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o\\_grupo.shtml?fill=1](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml?fill=1) Acesso em: maio 2019.

<sup>3</sup> Disponível em [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos\\_diarios.shtml?fill=3](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diarios.shtml?fill=3) Acesso em: maio 2019.

noite e 24 anos depois a Folha da Tarde. Nos anos 1960 os três seguimentos da Folha se tornam apenas um e nesse contexto é criado o jornal Folha de S. Paulo<sup>4</sup>.

O Jornal é pioneiro na utilização de cores e também na inserção de fotocomposição. Nos anos 1980 o jornal passou a ser a única redação informatizada da América do Sul e no ano de 1989 era o primeiro veículo de comunicação do país a criar o cargo de *Ombudsman*, cargo desempenhado por um jornalista que recebe, analisa e encaminha as queixas dos leitores e também avalia a qualidade do jornal. Até o ano de 1989 o jornal Folha de S. Paulo era todo em preto e branco, mas no ano de 1991 o jornal ganha sua capa colorida e, ainda segundo as informações em sua página na internet, nesse mesmo ano “a Folha se consolida como jornal com maior circulação paga aos domingos, uma média de 522.215 exemplares.”

No de 1995, ano em que os grandes veículos migram para a internet, o Folha lança seu portal de informação da web, sendo intitulado FolhaWeb que, segundo o jornal, é o primeiro site de notícias em tempo real. No ano seguinte, em 1996, é lançado pelo Grupo Folha o Universo Online, de acordo com a descrição do seu site, “primeiro serviço de grande porte no país permitindo a ligação com bancos de dados para pesquisa, por busca de palavras, de textos integrais publicados na Folha nos últimos três anos”.

O Grupo folha anuncia a fusão do Universo Online com o Brasil Online e é criada uma nova empresa, o Universo Online S.A. A audiência do Universo online S.A alcança patamar de grandes sites americanos, como a CNN. Em 1997 há uma atualização no seu projeto editorial e o veículo propõe “seleção criteriosa dos fatos a serem tratados jornalisticamente, abordagem profunda, crítica e pluralista, texto didático e interessante”. Nos anos 2000, em parceria com o grupo Globo, é lançado o jornal Valor Econômico e o Jornal Folha Online amplia e lança novos canais na sua home Page que engloba artigos de vários colunistas, mas também tornara a hierarquia de informação mais clara ao leitor, destacando as notícias mais importantes em detrimento das menos

---

<sup>4</sup>Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4)>  
Acesso em: julho 2019.

importantes. Ainda nos anos 2000, a Folha passa a publicar o caderno “Equilíbrio”, veículo que aborda assuntos sobre qualidade de vida, artigos e reportagens dos de alguns importantes jornais do mundo, como *New York Times*. Em 2010 as redações dos jornais impresso e online são fundidas e uma reforma gráfica e editorial é realizada no veículo. A nomeação Folha Online cede lugar a “Folha.com” e o veículo lança aplicativos para *Iphone*, *Ipad* e *Galaxy*. Em 2012 a Folha é mais uma vez o pioneiro a inserir um novo modelo de negócios para o jornalismo na internet, onde o navegador tem acesso gratuito até atingir um determinado limite de texto. Em 2017 é divulgado pelo jornal um documento listando 12 princípios do veículo “que sintetizam os compromissos editoriais, políticos e éticos.

O jornal Folha de S. Paulo em seu site apresenta uma reportagem em cinco capítulos denominada, na editoria “Tudo sobre” com “A Batalha de Belo Monte”, e aborda a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, localizada no estado do Pará e o impacto que essa construção tem no ambiente, nas populações de índios, ribeirinho e nos moradores da cidade de Altamira. Segundo informações do veículo em seu site,

A Batalha de Belo monte é a primeira da série “Tudo sobre”, que apresentará vários dossiês digitais no site da folha. Esta extensa reportagem multimídia, com cinco capítulos, tem a ambição de apresentar o máximo possível de pontos de vista sobre a polêmica usina hidrelétrica em construção no Pará. O trabalho envolveu uma equipe de 19 pessoas, que trabalharam em diferentes momentos da produção. (FOLHA DE S. PAULO, 2013)

Para a elaboração da matéria, o jornal informa que “O Folha passou três semanas na cidade para produzir a reportagem mais completa – com 24 vídeos, 55 fotos, 18 infográficos, e um game- sobre o maior projeto de infraestrutura do Brasil.” A reportagem é dividida em cinco capítulos, em sentido vertical e dispostas em páginas diferentes, sendo o primeiro a 1-Obra, 2- Ambiente, 3-Sociedade, 4-Povos Indígenas e 5-História. A reportagem é do ano de 2013 e está disponível na sua versão para a internet.<sup>5</sup>A reportagem foi elaborada pelos enviados especiais Marcelo Leite, Dimmi Amora, Morris Kachani, Lalo de Almeida e Rodrigo Machado. Para a construção da reportagem, foram ouvidos ribeirinhos, indígenas, profissionais especializados

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html>> Acesso em: julho 2019.

e um levantamento histórico sobre o assunto. Além da reportagem multimídia, a Batalha de Belo Monte também foi disponibilizada em vídeo e divulgada no canal da TV Folha no Youtube e publicado no jornal impresso.

**Figura:** Capa da reportagem especial A batalha de Belo Monte



ALMEIDA, Lalo; KNAPP, Eduardo. **Batalha de Belo Monte**. Fonte: Jornal Folha de S.Paulo

Todos os cinco capítulos apresentam textos longos, que detalham precisamente as informações acerca do conteúdo abordado. Há também a presença de gráficos, vídeos e fotos em cada um deles.

No primeiro capítulo<sup>6</sup>, “Obra”, apresenta um título chamado “Um projeto de R\$ 30 bilhões de dólares” que se refere aos custos da construção da hidrelétrica. Neste primeiro capítulo é detalhado o processo de criação do principal canal de desvio das águas do Rio Xingu que movimentarão as turbinas da terceira maior hidrelétrica do mundo. Segundo a reportagem, a empresa responsável pela construção de Belo monte é a empresa Norte Energia. Além disso, é mencionada a importância da hidrelétrica e o que se espera da mesma.

Há uma expectativa que a hidrelétrica produza energia com as turbinas principais até 2015, lembrando que a reportagem foi feita e redigida em 2013. Mais adiante, a reportagem, ainda no primeiro capítulo, aborda sobre os trabalhadores que participam da construção da hidrelétrica. Também há

<sup>6</sup>Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html>> Acesso em: julho 2019.

informações sobre a origem dos trabalhadores de Belo Monte, sobre as divergentes opiniões acerca da satisfação dos trabalhadores estarem dos seus desempenhos com o trabalho, problema de comunicação com as famílias, devido a pouco sinal de operadoras de celulares. A reportagem também narra o ambiente no qual os operários estão alojados e as opções de lazer. É abordado nesse capítulo as greves dos funcionários que paralisaram as obras, impedimento da justiça, devido a problemas com licença ambiental e, por causa disso, atraso na geração de energia que, acarreta em multa.

No capítulo selecionado para análise de cobertura, foi identificada a presença de elementos multimídia, sendo eles 10 gráficos, fotos em um slideshow em vídeo e duas grandes imagens.

#### **4.2 Apresentação da metodologia e análise de conteúdo**

A metodologia escolhida para análise do conteúdo foi a metodologia descritiva. Para análise do conteúdo foi escolhido o primeiro capítulo da reportagem devido aos capítulos seguintes apresentarem uma mesma estrutura de narrativa e mesma arquitetura de navegação. Apenas o assunto mencionado nos capítulos seguintes é diferenciado. As mídias analisadas foram infográficos, imagens, vídeo *Auto play* e game. Foi observada a sua inserção na construção da narrativa. Embora o texto não seja uma característica da narrativa multimídia ele também foi analisado. O capítulo 1 do objeto de pesquisa foi escolhido devido ao assunto abordado de grande importância nacional, uma vez que relata a construção da terceira maior usina hidrelétrica do mundo. Os recortes da mídia foram através dos prints que auxiliam na visualização da análise.

A reportagem “A Batalha de Belo Monte”, é apresentada pela Folha de S. Paulo como “especial”. Logo, a reportagem é enquadrada nessa categorização, de acordo com Longhi (2010), por apresentar uma web-reportagem que utiliza os elementos da multimídia na elaboração da sua informação. Isso pode ser encontrado durante a navegação da reportagem analisada nesta monografia. Fazendo isso, é visto a introdução de elementos

gráficos, imagens estáticas ou em movimento e infográficos numa mesma narrativa.

A reportagem foi estruturada por meio do texto. Os textos longos que detalham informações sobre a construção da usina de Belo Monte<sup>7</sup> podem ser explicados pela pesquisadora Longhi (2010), como algo semelhante aos textos dos jornais impressos, isso porque o texto do especial multimídia pode ser enquadrado dentro do gênero interpretativo. Se aplicado o argumento de Mingorance (2002, p. 61 *apud* Sperb 2007, p. 6) de que os gêneros interpretativos apresentam um significado social, isso pode ser notado em todos os capítulos do objeto de pesquisa. Todos os capítulos contextualizam sobre as consequências da construção da obra em diferentes áreas como, por exemplo, o impacto ambiental, na sociedade, na cultura indígena. Porém, focando a análise no primeiro capítulo, é visto que o texto apresenta uma condição imposta pelo Ibama para o funcionamento da usina, que busca minimizar o impacto no ecossistema local.

A Norte Energia depende ainda do Ibama para saber, de fato, quanto Belo Monte vai produzir de eletricidade. Por contrato, ela precisa gerar 4.571 MW em média, ao longo de cada ano (meros 41% de sua capacidade instalada), sendo que 70% dessa energia garantida vai para o sistema integrado. Como o reservatório que alimentará a casa de força principal é relativamente pequeno, a água que for reservada no período de cheia não bastará para gerar nem 10% da capacidade quando chegar o auge da seca. Uma das condições do Ibama para conceder a licença de operação da usina é que o rio Xingu tenha uma vazão mínima nas cheias para manter em boa saúde os ecossistemas na Volta Grande, abaixo da barragem de Pimental. (FOLHA DE S. PAULO, p. 1, 2013)

Outra parte do texto mostra o impacto da construção da usina para a cidade de Altamira

Para os altamirenses, a eletricidade de Belo Monte ainda é uma ficção. Por ora, a usina só lhes trouxe seguidas interrupções de energia. A rede elétrica de distribuição, com seus fios e transformadores das décadas de 1970 e 1980, não suporta o aumento do consumo. (FOLHA DE S. PAULO, 2013, p. 1)

Outra parte do texto do primeiro capítulo que evidencia um significado social e impacto da usina de Belo Monte em Altamira.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>> Acesso em: julho 2019.

No verão amazônico, quando as temperaturas quase não baixam dos 35°C, os clientes em busca de sistemas de ar condicionado não podem ser atendidos na Climatech, porque os aparelhos da loja não funcionam e o local se transforma numa estufa. “Estamos fazendo a maior usina do Brasil e não temos energia”, lamenta Evaldo André, 33, dono da empresa, que deve a própria prosperidade a Belo Monte: em dois anos a firma passou de 5 para 25 funcionários. (FOLHA DE S. Paulo, 2013, p.1)

Ao todo, o primeiro capítulo da reportagem de Belo monte, apresenta um texto onde o consumidor consegue informação ao navegar verticalmente pela arquitetura do site e consome a reportagem se deparando com um longo conteúdo escrito, detalhando as informações sobre o assunto.

Os infográficos animados<sup>8</sup> (figura 2), foram utilizados como uma mídia que auxiliam na construção da narrativa e na visualização de informações mais objetivas. Como mencionado no capítulo anterior, os infográficos têm o objetivo de facilitar o entendimento da informação. Os nove infográficos que compõe o primeiro capítulo da reportagem de Belo Monte, a partir da análise exibem informações que não foram mencionadas no texto escrito. Os infográficos são um modelo de narrativa, segundo Ribaz (2004), muito usado no webjornalismo. Analisando sua presença na reportagem, foi percebido que se fosse enquadrada nas duas formas mencionadas pela a autora, que de acordo com ela, os infográficos atuam de duas maneiras sendo a primeira atuação de maneira complementar ao texto e a segunda atuando de forma a inserir no infográfico a informação principal. Os infográficos no capítulo analisado se enquadrariam na primeira opção, agindo de modo a complementar as informações do texto escrito. Os gráficos utilizados na reportagem de Belo monte são fáceis de serem compreendidos e apresentam títulos, fontes que referenciam a sua origem.

---

<sup>8</sup>Disponível em; <<https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html>> Acesso em: julho 2019.

**Figura 2: Infográfico complementando informação**



Fonte: Folha de S. Paulo

As imagens neste capítulo de análise apresentam três fotos, sendo duas grandes imagens ampliadas. As duas imagens ampliadas são utilizadas para ilustrar a reportagem. Como exhibe a figura abaixo (figura 3) a imagem menor ilustra uma informação citada no texto. Ela agrega veracidade à informação noticiada no texto verbal. O texto<sup>9</sup> afirma que

Os alojamentos têm dormitórios para no máximo quatro pessoas, com ar-condicionado, banheiro interno e água quente. Dezenas de quartos compõem os “condomínios”, em cada um dos quais só se entra com o crachá magnético correspondente. No pátio interno entre os condomínios, os quartos são isolados por alambrados. As opções de lazer são ver TV, ir à academia, jogar sinuca, dominó ou pebolim. Há espaço para cultos religiosos e aulas de informática. Um cinema com 200 lugares está para ser inaugurado. (FOLHA DE S.PAULO, p.1, 2013)

<sup>9</sup> Disponível em <https://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>

**Figura 3:** Operários jogam dominó no setor recreativo do alojamento de Canais



Fonte: Folha de S. Paulo/folhapress Imagem: Lalo de Almeida

Dentro da narrativa do primeiro capítulo, há o folhacóptero, o game, (figura 4), um jogo disponibilizado em aplicativo que permite o leitor a sobrevoar a usina de Belo Monte. Esse aplicativo faz uma simulação do voo de helicóptero, como exibido na figura abaixo, colocando o leitor como piloto. Ele é disponibilizado em *android*, iOS e na web, executada em *tablets*, celulares e computadores. Porém, para ser executado é preciso fazer *download* em uma plataforma nomeada *Unity*. A ideia do folhacóptero é provocar uma interatividade maior com o leitor e ampliar a contextualização da notícia. Não há nada mencionando no texto da reportagem sobre o aplicativo. Ele comporta-se como um complemento da reportagem, oferecendo ao leitor um entendimento maior sobre a usina. Ele não faz parte dos elementos multimídia, mas agrega informação e proporciona interatividade com o conteúdo. Embora não haja hiperlinks dentro do corpo do texto, o folhacóptero mesmo sendo um game, funciona como um hiperlink na reportagem de Belo Monte, pois permite e leva o leitor a conhecer o ambiente onde se constrói a usina e visualizar aos lugares que serão atingidos e modificados.

No capítulo inicial da monografia, a autora Ribaz (2004) afirma que o hipertexto atua como uma fragmentação do discurso e concede ângulos diferentes sobre uma mesma informação. O folhacóptero é a exemplificação da afirmação da autora. Ele fragmenta a narrativa e conduz o leitor a ter mais informação visual sobre o assunto que está lendo.

**Figura 4:** screenshots do folhacóptero



Fonte: Folha de S. Paulo

O último elemento analisado é o vídeo auto play (figura 5). Esse vídeo é acionado sem o comando do leitor. O som é uma característica forte dele. A imagem que há nele ilustra o ambiente de funcionamento de um rotor de uma turbina da hidrelétrica de Belo Monte. O vídeo autoplay torna visual a informação noticiada no texto escrito da reportagem. Ele ilustra a seguinte informação:

A energia é produzida pelo movimento circular de um rotor com enrolamento de cobre no interior de outro circuito imóvel do mesmo metal (o estator) –exatamente o processo inverso de um motor elétrico, que consome eletricidade para produzir movimento, enquanto o gerador converte a energia mecânica em elétrica. (FOLHA DE S. PAULO, 2013, p.1)

**Figura 5:** Vídeo autoplay exibindo o funcionamento do rotor da usina de Belo Monte



Fonte: Folha de S. Paulo

## 5 CONCLUSÃO

As diferentes mídias inseridas na narrativa atuaram de modo a auxiliar as informações do texto e contribuíram para o entendimento da reportagem. O texto na reportagem analisada é responsável por estruturar a reportagem e transmitir as informações principais da narrativa, ou seja, o texto ainda é o protagonista e concentra as principais informações da narrativa. O primeiro capítulo da reportagem especial contou com os seguintes elementos multimídia: infográficos, imagens e vídeo autoplay. Os infográficos agiram de modo a complementar as informações do texto, as imagens legitimam e dão mais credibilidade aos assuntos mencionados no texto e o vídeo autoplay ilustra o ambiente do assunto relatado na reportagem, possibilitando a visualização de um ambiente da usina de Belo Monte. O grande diferencial foi o game desenvolvido e disponibilizado pelo veículo. Embora a reportagem não apresente nenhum hiperlink introduzido no texto, o folhacóptero desempenha essa função, fragmentando o discurso e fazendo o leitor da reportagem ter acesso a informações sobre a usina de um modo diferenciado e interagindo o leitor com o conteúdo.

A hipótese desta monografia é parcial, uma vez que, o capítulo que faz a análise, faz uso dos recursos da multimídia de modo a introduzir mais informação à narrativa textual e para entendimento completo do conteúdo. Assim, é preciso que o leitor esteja situado com as informações do texto para entender da melhor forma a informação inserida nos elementos multimídia. Assim, indo ao encontro da afirmação de que os elementos multimídia podem ser consumidos de modo segmentado. A reportagem se enquadra em integração, já que os elementos da multimídia na reportagem estão todos em um mesmo suporte e formam um mesmo discurso não apresentando incoerência na narrativa. A integração dessas diferentes mídias é fundamental para que leitor consiga ter o entendimento do contexto da construção da usina de Belo Monte. Embora o texto seja a principal fonte de informação, as informações não se limitam a ele. Os elementos da multimídia têm a sua colaboração na informação, auxiliando para toda a informação relatada na reportagem seja entendida pelo leitor.

A respeito da questão desta monografia, se existe atualmente um novo modelo de narrativa multimídia, pode se afirmar que a narrativa analisada não é completamente inovadora, mas sim um aprimoramento, uma renovação do modo de relatar e apresentar a notícia. Essa renovação só ocorre graças aos avanços da tecnologia, que permite que novos *softwares* auxiliem, criem e colaborem para o aprimoramento da narrativa e possam emergir com estruturas modernas como as apresentadas na reportagem a Batalha de Belo Monte.

Os especiais multimídia e as grandes reportagens remetem aos textos dos jornais impresso, visto que o texto ainda centraliza as principais informações. Como mencionando por Longhi, os textos do especial multimídia são semelhantes ao jornal da mídia impressa e se apresentam na estrutura de reportagem. O gênero interpretativo, segundo a autora Longhi (2010), é o que classifica as reportagens especiais e as grandes reportagens multimídia, pois detalham as informações e apresentam informações mais contextualizadas. Os elementos multimídia inseridos no webjornal tornam a narrativa mais interativa.

## 6 REFERÊNCIAS

ALVES, C. R. **Comunicação e Sociedade, Dez anos de web**, 9-10, 2006

BARBOSA, S.; SILVA, F. F. da; NOGUEIRA, L. **Análise da convergência de conteúdos em produtos jornalísticos com presença multiplataforma**. In: Anais 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor. Curitiba, novembro 2012

BARBOSA, Suzana. **Banco de Dados como metáfora para o jornalismo digital de terceira geração**. In: Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico, UBI (CD-ROM), 2004.

BERTOCH, Daniela. **Gênero jornalísticos em espaços digitais**. In: Actas da Sopcom, 2005. Disponível em: file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%202%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf

CAMPOS, P. C. **Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista. Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 127 - 141, jan./jun. 2009. Disponível em file:///C:/Users/francisco/Downloads/10952-33160-1-PB.pdf

CANAVILHAS, J.M. **Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web**, 2000. Disponível em: file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%202%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/CAP%C3%8DTULO\_WebjornalismoConsidera%C3%A7%C3%B5esgerais%20(1).pdf

DALMONTE, E, F. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, pretexto e comunidades de experiência**. EDUFBA, 2009

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph, 2008.

LETURIA, E. **Quées infografía?**. In: Revista Latina de Comunicación Social. Lima, Perú. v. 5, n4, Mayo, 1998. Disponível em: file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%202%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/leturia%20infograficos%201998.pdf

LONGHI, Raquel. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo**, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%202%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/LONGHICIBERJOR,%204.pdf

LONGHI, Ritter, Raquel, **O turning point da grande reportagem multimídia**, v. 21, n3, p. 897-917, setembro, 2014

LONGHI, R. R. Narrativa Webjornalística em multimídia: **breve estudo de caso da cobertura da morte de Michael Jackson**, In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30886866/raquel\\_ritte\\_r\\_longhi.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DNarrativas\\_webjornalisticas\\_em\\_multimidi.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F2019](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30886866/raquel_ritte_r_longhi.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DNarrativas_webjornalisticas_em_multimidi.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F2019)

LONGHI, R. R. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia**. In: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>

MCADAMS, **HowtcreateMultimedia News Packages**. Burlington, MA, USA. Focal Press/Elsevier, 2005

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do Jornalismo na Web**, 2001.

MONTEIRO Luiz. **Internet como meio de comunicação: Possibilidades e limitações**. IN: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV, 2001, Campo Grande.

NUNES, Ana Cecília B. **Jornalismo digital de quinta geração: as publicações para tablets em diálogo com o desenvolvimento da web**. ALCEU, v. 17, n. 33, p. 19- 39, jul.-dez. 2016.

PABLOS, J, M. **SIEMPRE HA HABIDO INFOGRAFIA**. IN: REVISTA LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL. N5, Maio, 1998. Disponível em: [file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%20%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/latina\\_art48%20Pablo%2098.pdf](file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%20%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/latina_art48%20Pablo%2098.pdf)

PALACIOS, M. **Jornalismo Online, Informações e Memórias: Apontamentos para debate**. In: JORNADA DO JORNALISMO ONLINE, 2002. Portugal 2002

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Summus, 2003

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2009

RIBAS, B. **Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo**. In: Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet, 5. 2004. Bahia. Disponível em [file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%20%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/2004\\_5iberoamericano\\_salvador\\_infografia.pdf](file:///C:/Users/francisco/Pictures/TCC%202019/Artigos%20do%20%C2%BA%20cap%C3%ADtulo%20do%20TCC/2004_5iberoamericano_salvador_infografia.pdf)

ROCHA, L. V. **Mobilidade, convergência e hiperlocalismo no webjornalismo brasileiro**. Revista Interin. Curitiba, v. 20. n.2. p. 43-65, jul./dez. 2015.

ROCHA, V, L. **A utilização de elementos multimídia no jornalismo online: a cobertura do g1 sobre o tsunami do Japão.** In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DA MÍDIA, 8, 2011, Guarapuara, 2011

SPERB, N, Carolina. **A Influência da Utilização do Hipertexto na Produção de Jornalismo Interpretativo para Internet.** IN: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, VIII, 2007, Passo Fundo

TEIXEIRA, T. **A presença da infografia no jornalismo brasileiro: proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso.** Revista Fonteiros, v. 9, 2007.

## 7 ANÉXOS

Figura 1: Print Folha de S. Paulo



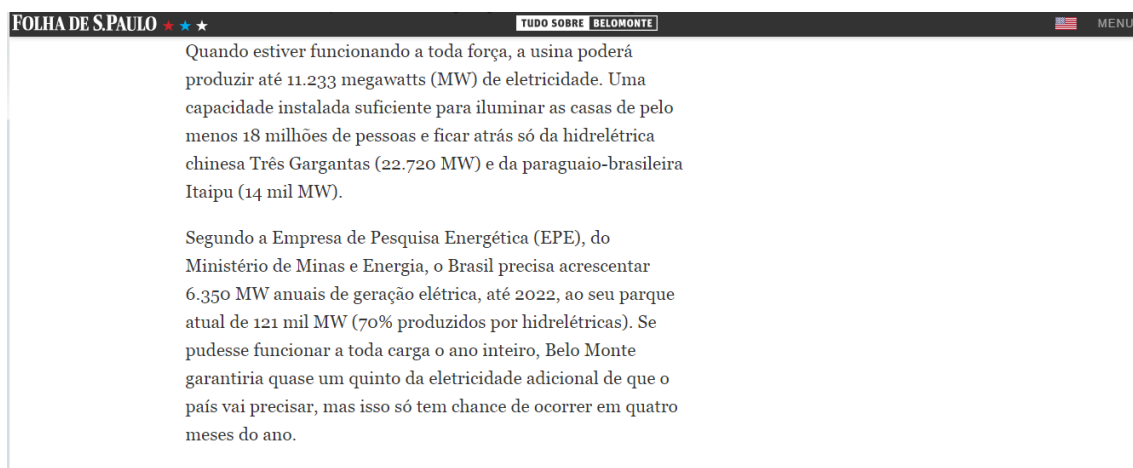
Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 2: Print Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 3: Print Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 4: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S. PAULO ★★☆☆ seis do ano. TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

A maior parte da capacidade de geração (11.000 MW) da nova usina ficará instalada na casa de força principal, junto da vila de Belo Monte do Pontal, cuja obra já avançou 47%. A barragem propriamente dita, contudo, ficará 60 km rio acima, do outro lado da Volta Grande do Xingu, no sítio Pimental, pouco depois do ponto em que o canal captará água para encher os 130 km<sup>2</sup> do reservatório intermediário. Junto ao vertedouro da barragem de Pimental, seis turbinas poderão produzir até 233 MW na casa de força auxiliar.

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 5: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S. PAULO ★★☆☆ TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

O pico de 11.233 MW só poderá ser alcançado entre fevereiro e maio, quando o Xingu atinge suas vazões máximas. Nos outros meses, as turbinas serão progressivamente desligadas. Entre altos e baixos, espera-se que Belo Monte garanta uma média de 4.571 MW, ou apenas 41% de sua capacidade instalada.

“Para começar a gerar, isso tudo tem de estar concluído”, diz a engenheira civil Roberta Martinelli Pimentel Pereira, 35, apontando para o canal onde poderiam acomodar-se facilmente 60 caminhões, lado a lado.

Belo Monte precisa começar a produzir energia em fevereiro de 2015, com a primeira turbina da casa de força auxiliar, mas isso vai atrasar uns três meses. Depois, de março de 2016 até janeiro de 2019, entram em linha as 18 turbinas da casa de força

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 6: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S. PAULO ★★☆☆ 2019, entram em linha as 18 turbinas TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

principal. Neste caso, nada pode atrasar. Na realidade, a Norte Energia trabalha com a hipótese de antecipar a montagem das turbinas principais, a partir da quarta ou quinta máquina, de modo a que todas estejam em operação antes do prazo contratual – o que trará ganhos consideráveis para o empreendedor.

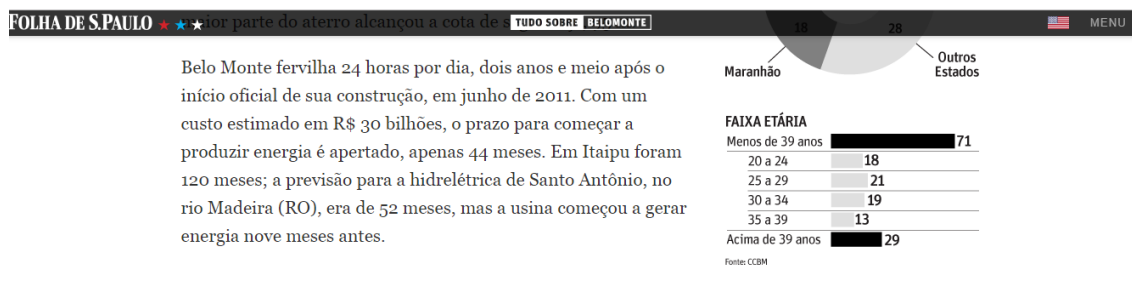
No presente, o maior desafio de Roberta Pereira é domar as águas dos igarapés que cortam o curso do grande canal e completar, ainda em dezembro de 2013, a enseadeira (barragem provisória, para manter a construção isolada do rio Xingu). A engenheira comanda 7.000 empregados e tem 12 anos “no trecho”, como se refere às grandes obras de infraestrutura por que passou. A enseadeira já tem fundações prontas e a maior parte do aterro alcançou a cota de segurança, 95 m.

**OPERÁRIOS DE BELO MONTE**  
Origem dos trabalhadores, em %

Origem	Porcentagem (%)
Pará	54
Município de Altamira	30
Outro Município	28

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 7: Print Folha de S. Paulo**



Fonte: Folha de São Paulo

**Figura 8: Print Folha de S. Paulo**



Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 9: Print Folha de S. Paulo**



Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 10: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S.PAULO ★★ sem tem celular de outras operadoras p... TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

mulher e os filhos. Os mais persistentes descobriram que há vestígios de sinal no morro da caixa-d'água perto do alojamento Canais, onde podem ser vistos com o aparelho amarrado em estacas fincadas no chão.

Segundo pesquisa Datafolha com 246 trabalhadores da obra entrevistados em Altamira, a maioria é de casados (51%), dos quais 40% têm mulher ou marido vivendo na cidade. Dois de cada três trabalham em Belo Monte há menos de um ano e pelo menos a metade não pretende ficar, instalou-se no local apenas em busca do emprego (38% já trabalharam em outras barragens).

pedidos de demissão por mês

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 11: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S.PAULO ★★ TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

Os alojamentos têm dormitórios para no máximo quatro pessoas, com ar-condicionado, banheiro interno e água quente. Dezenas de quartos compõem os "condomínios", em cada um dos quais só se entra com o crachá magnético correspondente. No pátio interno entre os condomínios, os quartos são isolados por alambrados. As opções de lazer são ver TV, ir à academia, jogar sinuca, dominó ou pebolim. Há espaço para cultos religiosos e aulas de informática. Um cinema com 200 lugares está para ser inaugurado.

De acordo com o Datafolha, 57% dos trabalhadores da usina moram nos alojamentos dos canteiros. A grande maioria aprova conforto (89% de ótimo e bom) e limpeza (84%) do local, assim como sua organização (71%) e as oportunidades de lazer (70%). Só a qualidade da alimentação divide opiniões: 45% de ótimo/bom contra 45% de regular.

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 12: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S.PAULO ★★ 45% de regular. TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

Greves de trabalhadores (como a que parou toda a obra no final de novembro de 2013), protestos de índios, paralisações determinadas pela Justiça e problemas com licenças ambientais podem forçar a Norte Energia a atrasar o início da geração. Pelo contrato assinado com a União, a multa por descumprimento do prazo pode chegar a 2% do faturamento anual.

A Norte Energia ainda teria de comprar de outras empresas a energia que não entregar, ao custo diário de até R\$ 1 milhão por turbina não acionada, dependendo do preço da energia na época. Esse prejuízo acabaria assumido pelos contribuintes, pois, apesar de planejado como empreendimento privado, Belo Monte no fundo é estatal (não é à toa que a Força Nacional de Segurança participa da vigilância na obra).

**DONOS DE BELO MONTE**  
Acionistas da Norte Energia S.A., em %

Grupo	Porcentagem (%)
Grupo Eletrobras (Eletrobras, Chesf e Eletronorte)	49,98
Fundos de pensão (Petros e Funcef)	20
Belo Monte Participações	10
Amazônia (Cemig e Light)	9,77
Autoprodutoras de energia (Vale e Sinobras)	10
Outras Sociedades	0,25

Fonte: Norte Energia S.A.

Fonte: Folha de São Paulo

Figura 13:Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S. PAULO ★★ ★ TUDO SOBRE BELOMONTE

Em 2010, quando a Norte Energia venceu o leilão para construir Belo Monte, o grupo era pouco mais que um aglomerado de empresas médias de construção civil e energia (Bertin, Queiroz Galvão, J. Malucelli, Cetenco, Galvão Engenharia, Mendes Júnior e Serveng) com estatais lideradas pela Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco). Desde então, sua composição evoluiu para uma associação entre as estatais e fundos de pensão, que contratou para tocar a obra civil boa parte das empreiteiras perdedoras do leilão, agora reunidas no CCBM.

Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 14:Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S. PAULO ★★ ★ TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

### Piauí x EUA

Antônio Kelson Elias Filho, 55, é o diretor de obras da Norte Energia. Com seu sotaque mineiro, modos diretos e a voz poderosa, Kelson é o próprio comandante em chefe da megaconstrução. Distribui ordens o tempo todo, pessoalmente e por telefone. Ao recordar sua reação após a vitória no leilão sobre um consórcio dado como favorito, Kelson deixa claro qual era o estado de espírito da tropa improvisada ao assumir o domínio sobre Belo Monte: “O Piauí

**VOLUMES DE ESCAVAÇÃO**  
Em milhões de m<sup>3</sup>

Projeto	Volumen de Escavação (em milhões de m <sup>3</sup> )
Belo Monte	240
Três Gargantas (China)	134
Itaipu	63

Só o canal de transposição será responsável por 118 milhões de m<sup>3</sup>

Compare o tamanho que os cubos teriam ao lado do Maracanã

Fonte: Norte Energia S.A.

Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 15:Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S. PAULO ★★ ★ estado de espírito da tropa TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

improvisada ao assumir o domínio sobre Belo Monte: “O Piauí ganhou a guerra com os Estados Unidos. Agora tem de ocupar”.

Tudo em Belo Monte é colossal. O canal de 20 km sob o comando da engenheira Roberta Pereira tem no mínimo 200 m de largura no fundo e pode ultrapassar 300 m na borda superior dos taludes. A água alcançará uma profundidade de 22 m, o equivalente a um prédio de sete andares. A barragem em Pimental terá 8 km. O coração da usina, em Belo Monte, vai abrigar 18 turbinas de 5 m de altura e 8,5 m de diâmetro em nichos escavados na rocha viva, com altura de 45 andares. O gerador movimentado pela turbina tem 22 m de diâmetro e precisa ser levado desmontado até a região, pela impossibilidade de transportá-lo numa peça só.

**NÚMEROS DE PESO**  
Volumes consumidos na obra

AÇO  
**16 x** Torre Eiffel

CONCRETO  
**39 x** Estádio do Maracanã

Fonte: CCBM

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 16: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S. PAULO ★★ e dessas unidades geradoras começam TUDO SOBRE BELOMONTE MECÂNICA PESADA Quem fabricará as turbinas e geradores de Belo Monte MENU

fábrica da Alstom em Taubaté (SP), a mais de 2.300 km de Altamira. A finalização da roda da turbina exige soldar três tipos de peça: o cubo (roda menor), fundido na Coreia do Sul; a cinta (roda maior), produzida na China; e as pás fabricadas em Piracicaba pela empresa brasileira Dedini. Ao contrário do gerador, a roda segue inteira –320 toneladas de aço inoxidável– para o Pará. Cada viagem deve tomar de três a quatro meses, de carreta até Santos, depois de navio até Belém e por fim de balsa até o porto construído em Belo Monte.

Só o contrato da Alstom, firma de origem francesa envolta em escândalos que lidera o consórcio para fabricar 14 das 18 unidades geradoras, vale R\$ 1,3 bilhão. Ela entregará a primeira turbina da obra, para geração no início de 2016, na casa de força principal em Belo Monte. Os outros quatro conjuntos de turbina e gerador estão sendo fabricados em Suape (PE) pela Impsa,

Alstom 7 turbinas  
Voith 4 turbinas  
Andritz 3 turbinas  
Impsa 4 turbinas  
Fonte: Alstom

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 17: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S. PAULO ★★ Arroz de avião TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

A logística da construção não tem sido fácil. A rodovia Transamazônica, aberta na década de 1970, ainda tem trechos não asfaltados nos 906 km que separam Altamira da capital, Belém, que se tornam intransitáveis no período de chuvas, de dezembro a junho.

A construção de 270 km de acessos da Transamazônica até os canteiros permitiu aumentar o ritmo das obras. Em 2011, quando ela começou, um caminhão levava quatro ou cinco horas para ir da Transamazônica ao sítio Pimental. Agora, leva 40 minutos.

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 18: Print Folha de S. Paulo**

FOLHA DE S. PAULO ★★ autos. TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

Em julho de 2011, protestos fecharam a Transamazônica. Para alimentar os empregados, foi necessário fretar dois aviões, ao custo total de R\$ 80 mil, que foram buscar em Belém toneladas de arroz e outros gêneros. Quando a carga chegou, havia comida só para três dias de alimentação.

A rubrica transporte representa em torno de 8% do custo total do projeto Belo Monte. “Se tivéssemos a Transamazônica asfaltada, teríamos uma economia de R\$ 200 milhões, dos R\$ 800 milhões já gastos com transporte”, calcula Marcos Sordi, diretor administrativo do CCBM.

Na avaliação do consórcio, ao final de 2013 cerca de metade de toda a obra civil de Belo Monte estará realizada. Na barragem do rio Xingu, a parte que precisa ficar pronta em 2014 para acionar as turbinas na casa de força auxiliar de Pimental, as obras

CONSUMO MENSAL NOS REFEITÓRIOS Em toneladas

cereais	410
frutas e legumes	210
carne bovina	97
carne de frango	69
carne suína	37
embutidos	10

Fonte: CCBM

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 19:**Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★ TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

### Caminho das pedras

O migmatito é um dos grandes segredos de Belo Monte. A abundância e a dureza da rocha permitiram aos engenheiros, após dez meses de testes, alterar o projeto original: em lugar de revestir o leito do canal com concreto, vão cobri-lo com pedra britada (pedregulhos de até 20 cm). Isso vai economizar 1 milhão de metros cúbicos de concreto e R\$ 200 milhões no custo da obra, além de encurtar de 27 para 16 meses a construção do canal.

As pedras, no entanto, formam uma superfície mais rugosa que o concreto, o que faz com que a água avance do rio para o reservatório com velocidade menor, por força do atrito. E a velocidade da água é fundamental na geração da energia, para garantir que o volume adequado seja abocanhado pelas

**SOBREVOE A USINA**  
Aplicativo interativo permite pilotar o Folhacóptero sobre Belo Monte



Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 20:**Print Folha de S. Paulo


FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★ TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

PRINCÍPIO

O princípio do funcionamento de uma hidrelétrica é que um grande volume de água desça o mais rapidamente possível do ponto mais alto para o mais baixo, a fim de girar turbinas que vão acionar os geradores. A energia é produzida pelo movimento circular de um rotor com enrolamento de cobre no interior de outro circuito imóvel do mesmo metal (o estator) –exatamente o processo inverso de um motor elétrico, que consome eletricidade para produzir movimento, enquanto o gerador converte a energia mecânica em elétrica.

Para compensar a perda de velocidade da água no canal revestido com pedras, foi necessário “alargar o cano”, ou seja, aumentar sua seção (em 35%). São mais árvores para retirar, migmatito para explodir, escavadeiras para levantar e caminhões para transportar. Kelson diz que foi tudo calculado para o balanço entre receita e despesa ser positivo. “Não brinca.


TABLET, CELULAR e WEB



Web iOS Android

Fonte de São Paulo

## Figura 21: Print Folha de S. Paulo


FOLHA DE S.PAULO ★★ chegar à conclusão de que é negativo. TUDO SOBRE BELOMONTE  MENU

Quem disputa a concessão de uma hidrelétrica tem como principal fonte de receita futura a venda de energia para o sistema interligado nacional. No caso de Belo Monte, o governo estimou em 2008 que uma tarifa de R\$ 83 por MWh (megawatt-hora) seria suficiente para cobrir todos os custos e dar lucro. Venceria quem oferecesse a menor tarifa.

Quando há disputa, a empresa precisa oferecer um desconto sobre essa tarifa –desde que as simulações indiquem que ela pode ganhar mais com a comercialização de energia, mesmo com margem de lucro menor, se fizer a obra a custo mais baixo. Por outro lado, se a obra sair mais cara que o orçado pela vencedora do leilão, ou se a usina não gerar energia na quantidade e no prazo previstos, é ela quem arca com o prejuízo.

Fonte: São Paulo


## Figura 22: Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S.PAULO ★★ quantidade e no prazo previstos, e ela que TUDO SOBRE BELOMONTE  MENU

“O que vale para o consumidor é o preço final. O que consideramos nas nossas hipóteses é irrelevante”, diz Maurício Tolmasquim, presidente da EPE (Empresa de Planejamento Energético), estatal responsável por definir os parâmetros dos editais da licitação.

Fonte: Folha de S. Paulo

## Figura 23: Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S.PAULO ★★ TUDO SOBRE BELOMONTE  MENU

### Contas duvidosas

Em abril de 2010, a Norte Energia venceu a concorrência pela concessão de Belo Monte oferecendo um valor 6% menor (R\$ 78) que o preço de referência. O custo da obra estimado pela Norte Energia, contudo, era 30% superior ao máximo previsto pelo governo. Para o mercado, não parecia possível recuperar o investimento com a tarifa oferecida. Uma decisão da Eletrobras tomada meses depois do leilão reforçou essa suspeita.

A Eletrobras, holding estatal que controla a Chesf, firmou um contrato com a Norte Energia para comprar, por R\$ 130 o MWh, a energia excedente que Belo Monte puder vender no mercado. Esse preço da eletricidade extra vendida no mercado livre varia diariamente e, na média dos últimos dez anos, ficou em R\$ 79. Portanto, a estatal-mãe deu uma bela ajuda à filha,

Fonte: Folha de S. Paulo

## Figura 24: Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S.PAULO ★★ subsidiado de R\$ 22,5 bilhões. TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

“A isso se dá o nome de energia limpa e barata”, ironiza Célio Bermann, professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP. Para o especialista, Belo Monte está acima da média mundial de US\$ 1 mil por MW instalado e vai ocasionar despesas para o contribuinte com os subsídios implícitos no financiamento e na comercialização da energia.

Fonte: Folha de S. Paulo

## Figura 25: Print Folha de S. Paulo

FOLHA DE S.PAULO ★★ TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

A Norte Energia depende ainda do Ibama para saber, de fato, quanto Belo Monte vai produzir de eletricidade. Por contrato, ela precisa gerar 4.571 MW em média, ao longo de cada ano (meros 41% de sua capacidade instalada), sendo que 70% dessa energia garantida vai para o sistema integrado. Como o reservatório que alimentará a casa de força principal é relativamente pequeno, a água que for reservada no período de cheia não bastará para gerar nem 10% da capacidade quando chegar o auge da seca. Uma das condições do Ibama para conceder a licença de operação da usina é que o rio Xingu tenha uma vazão mínima nas cheias para manter em boa saúde os ecossistemas na Volta Grande, abaixo da barragem de Pimental.

Belo Monte tem, no entanto, um atributo que pesou na decisão de seguir em frente com a sua construção: poderá gerar energia em abundância nos períodos do ano em que as usinas

Fonte: Folha de S. Paulo

## Figura 26: Print Folha de S. Paulo

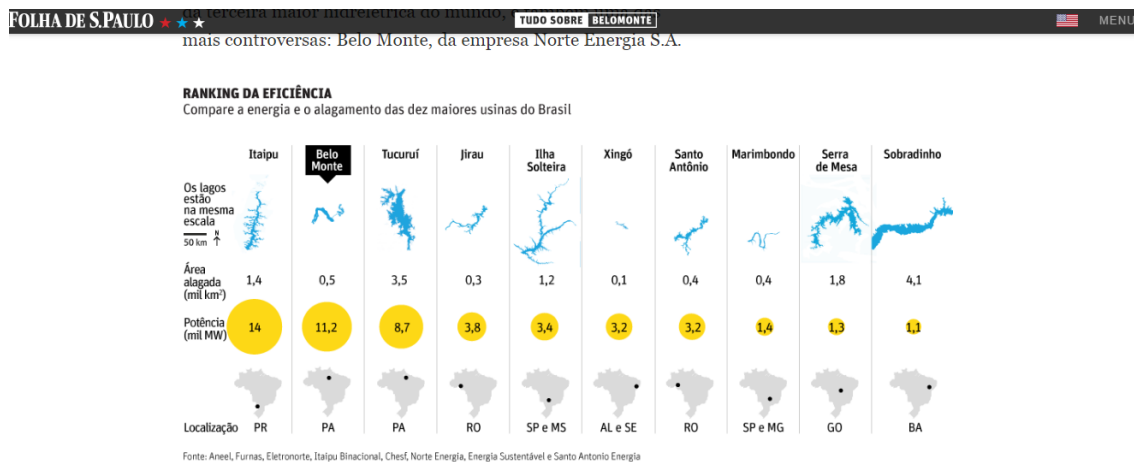
FOLHA DE S.PAULO ★★ 12 bilhões a mais que a geração hidrel. TUDO SOBRE BELOMONTE MENU

Para os altamirenses, a eletricidade de Belo Monte ainda é uma ficção. Por ora, a usina só lhes trouxe seguidas interrupções de energia. A rede elétrica de distribuição, com seus fios e transformadores das décadas de 1970 e 1980, não suporta o aumento do consumo.

No verão amazônico, quando as temperaturas quase não baixam dos 35°C, os clientes em busca de sistemas de ar condicionado não podem ser atendidos na Climatech, porque os aparelhos da loja não funcionam e o local se transforma numa estufa. “Estamos fazendo a maior usina do Brasil e não temos energia”, lamenta Evaldo André, 33, dono da empresa, que deve a própria prosperidade a Belo Monte: em dois anos a firma passou de 5 para 25 funcionários.

Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 27: Print Folha de S. Paulo



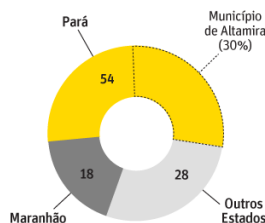
Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 28: Print Folha de S. Paulo

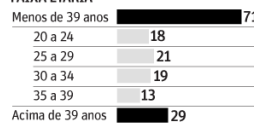
No presente, o maior desafio de Roberta Pereira é domar as águas dos igarapés que cortam o curso do grande canal e completar, ainda em dezembro de 2013, a ensecadeira (barragem provisória, para manter a construção isolada do rio Xingu). A engenheira comanda 7.000 empregados e tem 12 anos “no trecho”, como se refere às grandes obras de infraestrutura por que passou. A ensecadeira já tem fundações prontas e a maior parte do aterro alcançou a cota de segurança, 95 m.

Belo Monte fervilha 24 horas por dia, dois anos e meio após o início oficial de sua construção, em junho de 2011. Com um custo estimado em R\$ 30 bilhões, o prazo para começar a produzir energia é apertado, apenas 44 meses. Em Itaipu foram 120 meses; a previsão para a hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira (RO), era de 52 meses, mas a usina começou a gerar energia nove meses antes.

**OPERÁRIOS DE BELO MONTE**  
Origem dos trabalhadores, em %



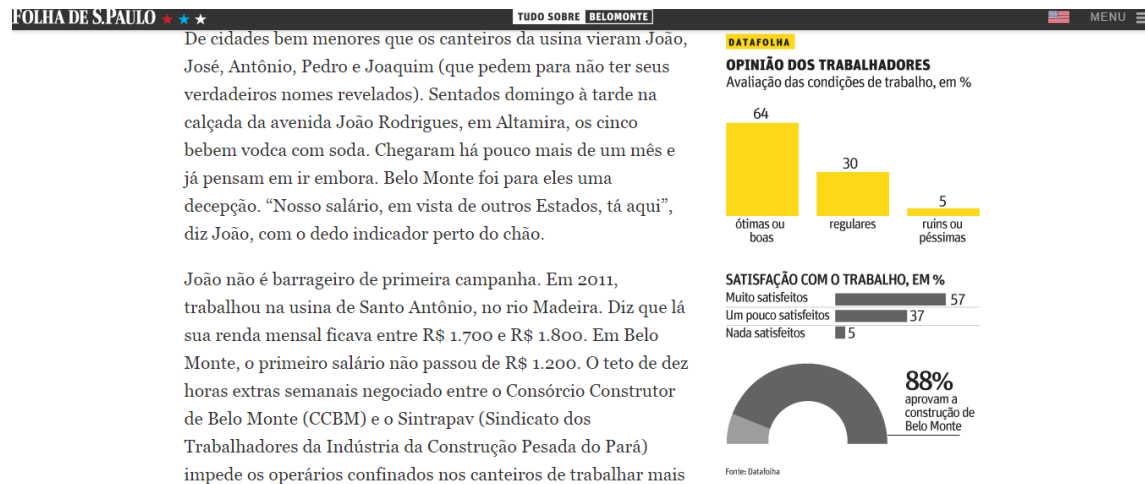
**FAIXA ETÁRIA**



Fonte: CCBM

Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 29:Print Folha de S. Paulo**



Fonte: Folha de S. Paulo

**Figura 30:Print Folha de S. Paulo**

Mais de dois terços dos trabalhadores vêm de fora de Altamira. O distanciamento da família é agravado pelo fato de nos canteiros só haver sinal da operadora Oi, que tem entre seus controladores a Andrade Gutierrez, líder das empreiteiras do CCBM (que conta ainda com Odebrecht e Camargo Corrêa). Quem tem celular de outras operadoras pena para falar com a mulher e os filhos. Os mais persistentes descobriram que há vestígios de sinal no morro da caixa-d'água perto do alojamento Canais, onde podem ser vistos com o aparelho amarrado em estacas fincadas no chão.

Segundo pesquisa Datafolha com 246 trabalhadores da obra

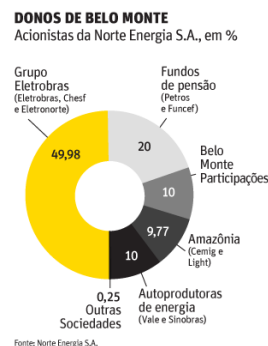
Fonte: Folha de S. Paulo



**Figura 31:Print Folha de S. Paulo**

Greves de trabalhadores (como a que parou toda a obra no final de novembro de 2013), protestos de índios, paralisações determinadas pela Justiça e problemas com licenças ambientais podem forçar a Norte Energia a atrasar o início da geração. Pelo contrato assinado com a União, a multa por descumprimento do prazo pode chegar a 2% do faturamento anual.

A Norte Energia ainda teria de comprar de outras empresas a energia que não entregar, ao custo diário de até R\$ 1 milhão por turbina não acionada, dependendo do preço da energia na época. Esse prejuízo acabaria assumido pelos contribuintes, pois, apesar de planejado como empreendimento privado, Belo Monte no fundo é estatal (não é à toa que a Força Nacional de Segurança participa da vigilância na obra).

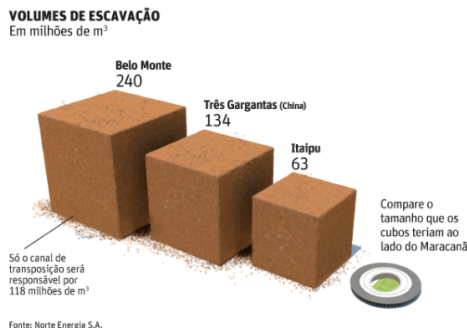


Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 32:Print Folha de S. Paulo

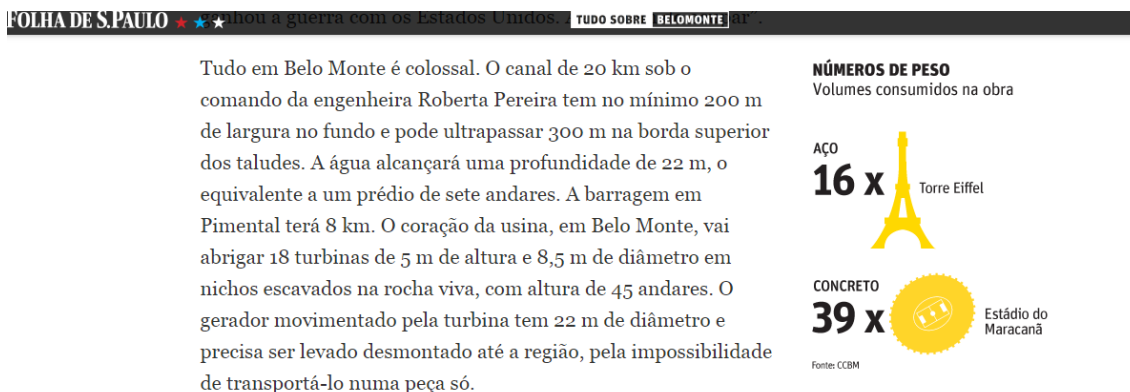
### Piauí x EUA

Antônio Kelson Elias Filho, 55, é o diretor de obras da Norte Energia. Com seu sotaque mineiro, modos diretos e a voz poderosa, Kelson é o próprio comandante em chefe da megaconstrução. Distribui ordens o tempo todo, pessoalmente e por telefone. Ao recordar sua reação após a vitória no leilão sobre um consórcio dado como favorito, Kelson deixa claro qual era o estado de espírito da tropa improvisada ao assumir o domínio sobre Belo Monte: “O Piauí ganhou a guerra com os Estados Unidos. Agora tem de ocupar”.



Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 33:Print Folha de S. Paulo



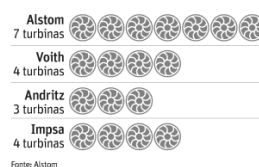
Fonte: Folha de S. Paulo

Figura 34:Print Folha de S. Paulo

Sete dessas unidades geradoras começam a ser montadas na fábrica da Alstom em Taubaté (SP), a mais de 2.300 km de Altamira. A finalização da roda da turbina exige soldar três tipos de peça: o cubo (roda menor), fundido na Coreia do Sul; a cinta (roda maior), produzida na China; e as pás fabricadas em Piracicaba pela empresa brasileira Dedini. Ao contrário do gerador, a roda segue inteira – 320 toneladas de aço inoxidável – para o Pará. Cada viagem deve tomar de três a quatro meses, de carreta até Santos, depois de navio até Belém e por fim de balsa até o porto construído em Belo Monte.

### MECÂNICA PESADA

Quem fabricará as turbinas e geradores de Belo Monte



Fonte: Folha de S. Paulo

### Figura 35:Print Folha de S. Paulo

Em julho de 2011, protestos fecharam a Transamazônica. Para alimentar os empregados, foi necessário fretar dois aviões, ao custo total de R\$ 80 mil, que foram buscar em Belém toneladas de arroz e outros gêneros. Quando a carga chegou, havia comida só para três dias de alimentação.

A rubrica transporte representa em torno de 8% do custo total do projeto Belo Monte. “Se tivéssemos a Transamazônica

#### CONSUMO MENSAL NOS REFEITÓRIOS

Em toneladas

cereais	410
frutas e legumes	210
carne bovina	97
carne de frango	69
carne suína	37
embutidos	10

Fonte: CCBM

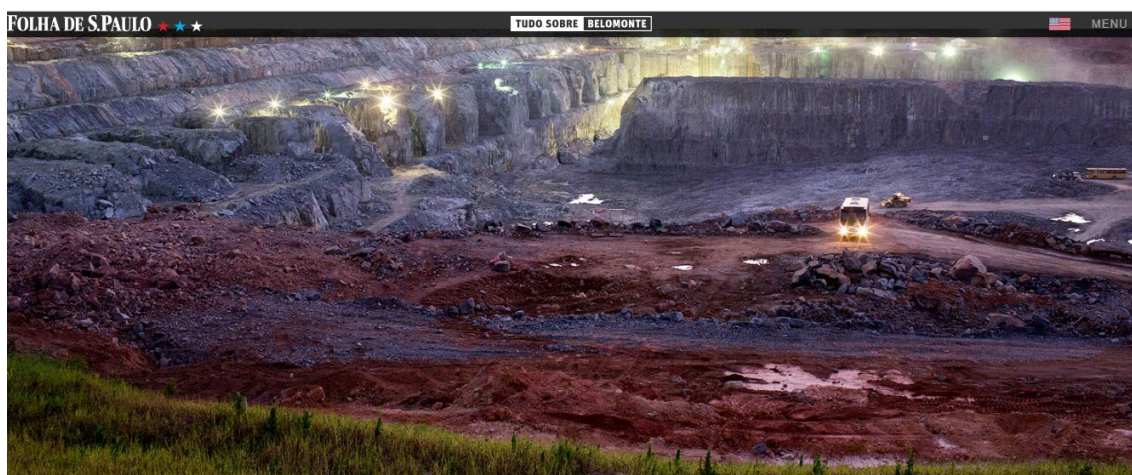
Fonte: Folha de S. Paulo

### Figura 36:Print Folha de S. Paulo.



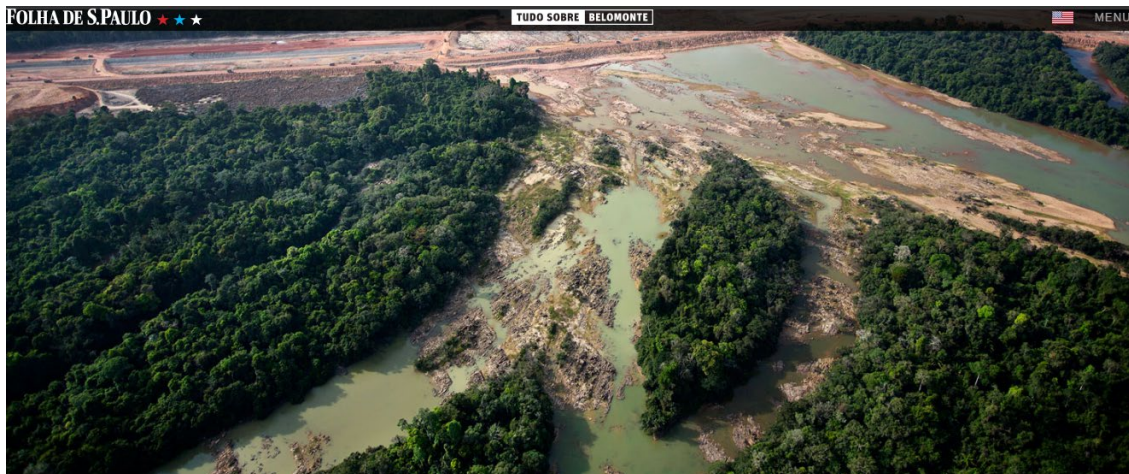
Fonte: Folha de S. Paulo. Imagem: Lalo de Almeida/Folhapress

### Figura 37:Print Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de São Paulo

**Figura 38:**Print Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo.

**Figura 39:**Print Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de São. Paulo



